

# Contos

**As Três Marias**  
Concurso Literário sobre a Igualdade de Género 2022

# contos

As Três Marias  
Concurso Literário sobre a Igualdade de Género 2022

Ficha técnica

Título: As Três Marias - Concurso Literário sobre a Igualdade de  
Género 2022

Edição: Município de Odemira

Local: Odemira

Data: 2022

ISBN: 978-989-8263-19-3

Em 2022, o Município de Odemira retomou o Concurso Literário sobre Igualdade de Género, ano em que se comemoraram os 50 anos do livro “Novas Cartas Portuguesas” da autoria de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno. Esse livro, escrito a três mãos, denunciou a repressão e a censura do regime do Estado Novo, exaltando a condição feminina e a liberdade de valores para as mulheres. Foi alvo de censura por parte da PIDE, tendo sido banido e as autoras alvo de um processo judicial, suspenso depois da revolução de 25 de Abril de 1974.

O processo judicial ficou conhecido como o processo das Três Marias, nome pelo qual a obra foi traduzida em inglês. A obra e o respectivo processo judicial tiveram grande repercussão internacional, provocando um movimento de apoio inédito, com cobertura pelos meios de comunicação internacionais, manifestações feministas em vários países, etc, o que acabou por levar a que o caso fosse considerado como a “primeira causa feminista internacional”.

O Município de Odemira entendeu, neste ano de regresso do Concurso Literário de Igualdade de Género, adoptar o nome As Três Marias, prestando assim homenagem a esta obra literária de tanta relevância no âmbito das questões da Igualdade, aqui se apresentam os Contos vencedores deste Concurso Literário, cujo Júri foi constituído por um escritor e por uma escritora da ASSESTA – Associação de Escritores do Alentejo, Fernando Évora e Dora Gago e Isabel Rosinha em representação da CIG – Comissão para a Igualdade e Cidadania.

VENCEDORES/AS

1.º prémio

**Novíssimas Cartas Portuguesas, de Maria Antónia Bastos**

2.º prémio

**Maria cheia de Graça, de Delano Valentim da Silva**

3.º prémio

**Carta de uma mulher de nome Mariana, estabelecida por tempo incerto num quarto arrendado em Odemira, ao homem que em Lisboa aguarda o seu regresso, de Manuel Abrantes**

MENÇÕES HONROSAS

**A minha avó Sol, de Margarida Costa Faro**

**Terra fértil por arar, de Rui Caeiro**

**Olhos amalgamados, de Veronika Eleutério**

*contos*

# Novíssimas Cartas Portuguesas

Maria Antónia Bastos

Para a Ana Luísa Amaral,  
que me deu a ler *Novas Cartas Portuguesas*.

«Qual a diferença do tempo de Mariana?»

«Em que mudou a situação da mulher?»

«Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras?»

Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta  
e Maria Velho da Costa, *in Novas Cartas Portuguesas*

«Como pessoas de plena liberdade e direito, as mulheres foram inventadas há pouco tempo e talvez ainda nem existam em alguns países. Há que inventá-las urgentemente.»

Valter Hugo Mãe, *in Palavras bonitas sobre contos*

Irmãs, também neste quarto somos três e também nem todos somos vivos.

Era já o tempo dos telefones móveis. Já se não usava, mas escrevi-lhe uma carta. Também. Também eu lera, irmãs, menina ainda, as epístolas de freira de Beja ditas, ditadas por paixão por cavaleiro francês, marquês, a combater espanhóis aqui vindo, vindo-se, enterrando sua espada, certa, inteira, em corpo que só de Deus devera ser pertença. Primeiro, no coração. Depois, no fim da planície que era o seu ventre, profundo, bem fundo, três vezes logo na primeira noite. Nunca a religiosa, pecando, se sentira tão perto do céu. Teria gostado de sangrar, a freira, sem ser para o divino e sem ser sozinha. Sozinha, ficou-se enferma de paixão tal, imoral, fatal, escrevendo-se-lhe como remédio. Avassaladora, a paixão e cada carta. Não correspondida, cada carta e a paixão. Sozinha, à janela, na cela. Usada, usando véu, entregue a convento começou a morrer.

Já se não usava, eu sei, mas escrevi-lhe uma carta. Também. Formal, manual. Três vezes me enganei, três vezes passei a limpo, em caligrafia cuidada, imaculada, palavras com sabor a frutos verdes. Saiba que os dias que passo à janela, sem o ver, muito tardam a amadurecer. Acabava assim, em rima, eu sei, irmãs, um pouco tola, toldada pela paixão. Avassaladora, também. Sozinha, também eu, quando não neste quarto escrevi-lhe uma carta, a primeira carta. Cortei a mão ao dobrar em três a folha de papel. Sangrei. Lacrei o envelope. Abri a janela. Abriu-se-me o coração em o vendo, escrevendo. Eu estava viva. Eu ainda estava viva.

Não neste quarto escrevi-lhe a primeira carta. Não neste quarto há secretária, papel ou caneta. Janela aberta, porta aberta ou vida aberta, liberta. Também não. Cor nas paredes não há, retratos autênticos ou um quadro de enamorados, enlaçados, imitação que fosse. Adonde, em que quarto, corpos apaixonados se abrem planos como planícies, no pico do calor. Adonde, em que quarto, corpos amantes se respondem e correspondem, escrevendo-se, inscrevendo-se um no outro. Adonde, quarto o qual, rima a intimidade com vontade, não rima o arder com padecer. Não e não e não. Não neste quarto. Neste quarto, não há sol, versos ou a claridade dos livros. Não. Não há a palavra não. Este quarto é uma cela. Sozinha neste quarto. Não sozinha neste quarto. Também. Irmãs, irmãs não há neste quarto. Neste quarto, somos três e nem todos somos vivos.

Respondeu-me. Às três horas e vem sem roupa interior. E eu fui. Traz vestido comprido como freira e vem descalça. E eu fui. Espera-me atrás do convento e vem sozinha. E eu fui. Não havia a palavra não. Não havia este quarto, janela ou porta fechadas. Respondeu-me. Deu-me. Dei-me. Deu-me, um beijo francês. Dei-me, meu corpo por escrever, minha língua portuguesa. Demorou-se séculos a levantar-me o vestido branco, percorrendo delicadamente, deliciosamente, pernas, coxas e arrepios com as mãos fortes com que me havia respondido. Atingiu-me, cingiu-me o ventre. Vem. E eu fui, nesse vem, no vaivém que a todas nos fez vir a este mundo, irmãs. O teu corpo sabe a frutos verdes, disse, entrando-me, planície adentro. Primeira carta, primeira vez, também. Os pés sangravam da calçada irregular, a boca do corpo sangrava, também, aberta, liberta. Muito viva, dei um grito no pico do calor.

Sim, respondeu. Sim, respondi. Também. Não havia a palavra não. Casamo-nos. Cheguei ao altar descalça. Cristo também e também dos pés sangrando e sangrando das mãos também, coisa de quem quer pregar, escriturar certas palavras. De vestido branco e comprido, de véu da extensão de uma planície. A igreja cheirava a morte, uma família inteira falecera. A epístola ecoou, barroca, na talha dourada. Pai e filho e espírito santo, santíssima, primeiríssima trindade. Oremos, irmãos, disse o padre. E também irmãs, disse eu em sussurro, a querer escrever, subscrever língua que nos incluía. Algumas mulheres choravam. Minha mãe chorava, também. Fomos a votos. Prometemo-nos. Sere-mos como noivos de Chagall, enamorados, enlaçados, voando vida, planície afora, acabava eu assim. Até que nos separe a morte, acabava ele assim. Talvez acabasse eu assim.

Talvez acabasse ela assim. Sim não lhe respondeu ele nem não. E o que digo a irmã Mariana, nome de Maria vindo, advindo, é que não tanto lamente resposta não ter tido do cavaleiro francês, pouco cortês, nem sim nem não. Que talvez se houvesse também casado, sem ser com Deus, talvez também não fora tanta sua longevidade e percesse bem antes dos oitenta e três anos de idade. Que talvez acabasse assim, também, em família falecida, ida, assassinada, pois se acontecera naquela mesma terra. Uma família inteira aos pedaços, esquartejada. E mãe e filha e neta, mais uma trindade. E um homem de família e que a família matou, em casa, a dele e a da família que matou, violentamente, fogosamente, à catanada. E mãe e filha e neta gritaram a palavra não que não havia e não sobreviveram. E não há senão sangue nas paredes dos quartos adonde morreram. E a filha sua própria filha tentando proteger com seu próprio corpo, degolado, derramado na cama. E esse homem de família e que a família matou, exterminou, que após esfaquear mãe e filha e neta foi simplesmente dormir. E que durante uma semana manteve enclausurados os três corpos mortos, decompostos, em casa, nessa prisão, na prisão a si mesmo se matando. Votos cumpridos, até que nos separe a morte. Pois olhai, irmã, só de Deus noiva, como se acaba assim, até mesmo em terra de convento. Que talvez entre as gentes tenhais tido melhor sorte, melhor morte, que é esta história verídica, fatídica, em Beja acontecida e que acontecer não deveria, menos ainda como aconteceu, já neste meu século. Que esse homem de família, esse assassino de família, talvez para sua mulher, a mãe, se assemelhasse a cavaleiro. Pois que até lhe respondia e lhe escrevia poemas com suas próprias mãos e com suas próprias mãos a chacinou. Pois vede, irmã, como pode cavaleiro ser monstro.

Meu cavaleiro, saiba que os dias à janela passo para o ver passar. Começava assim, irmã, irmãs, a primeira carta que não neste quarto lhe escrevi e que agora não existe, esse quarto e esse eu. No quarto que agora existe, existe muito sangue nas paredes. Também. No quarto que agora existe, existimos três. Também. Existimos e não existimos. Também. E pai e mãe e filha, mais uma trindade. Um homem de família, uma mãe sem mãe, uma filha que não será mãe, respetivamente. Cama, berço, terço, tudo o que dura, perdura. Por capricho do homem de família, ainda um espelho ovalado, doirado, como nos contos de fadas. Janela fechada, porta fechada, lacrada, para não deixar escapar a fantasia. E vem cavaleiro com seu cavalo e falo. E não fala e já não diz vem. E vem-se. E já não é a

primeira vez e já não existe princesa ou delicadeza. E por muitas vezes enterra sua espada em minha fina pele, violentamente, ferosamente, que talvez melhor sorte fora sexo com um dragão. E eu oro e choro. Já minha mãe, já morta, orava e chorava, também. E rezo a esse santo, que me deveria salvar de dragão e que a marido meu dá nome. E ponho espadas de São Jorge nesta cama, neste quarto e em toda a casa, em busca de proteção. Mas a fantasia, agonia, permanece e de nada pode esse amuleto contra este terceto de pai e mãe e filha, que deste conto intemporal não antevejo eu final feliz. No quarto que agora existe, existe agora um monstro. E vem-se. E vem filha ao mundo. Morta.

E não acabaram felizes. Também. E também acabaram. E também resposta não existiu para o triplo homicídio por suposto, oposto homem de família, de sobrenome Esperança e de Monstro de Beja apelidado. E mesmo em terra de convento, que aquilo só mesmo coisa do diabo. Que mesmo até pareciam felizes, disseram as gentes, não obstante os problemas de dinheiros, não obstante o vício de embriaguez do que tal coisa fez. Que mesmo até poucos dias antes fora visto o cavaleiro, atencioso, carinhoso, passeando-se nas ruas da cidade com mãe e filha e neta, ainda vivas todas três, assassinadas todas três. E ficaram as gentes em pranto e espanto. Mas pergunto, irmãs, também. Pergunto, repetindo: qual a diferença do tempo de Mariana? Se é esse conto por demais intemporal, real, aí e aqui e além, também. Se em tantas cidades se passeia o homem de família e a família ocultando o segredo, o degredo. Se em tantas cidades o homem de família engravida a filha e mata a neta, sua filha também, Maria também, morta com pouco mais de três anos, morta sem saber quem era o pai, seu avô também. Se em tantas cidades famílias inteiras se acabam, infeliz final, mas se não acaba o incesto, infeliz começo. E aqui eu, nestoutra cidade, neste quarto. Aqui minha filha que nem se começou, que ao menos não chegou a saber, que nem eu o sabia, quem o pai é, felizmente, infelizmente, que sei bem eu quem meu pai me foi e me tomara o não saber. Minha filha nascida morta, a quem nunca lerei contos de fadas, minha fantasia por viver.

E em tantas outras cidades as mesmas realidades e mesmo até outras mais, demais. Tantas outras filhas que mesmo até nascem vivas e vivem e não vivem fantasias. Que, se não são usadas, abusadas sexualmente por pai ou outro homem de família ou pai e outro homem de família, por um ou por outro são dadas, ofertadas a matrimônio com outros cavaleiros e por dinheiros. E vão as filhas meninas a casar aos treze anos ou menos, com homens de trinta anos ou mais. E vão as noivas meninas de vestido branco até ao altar, também. E também respondem sim, porque não existe a palavra não além, também. E não só não sabem não dizer, como também não sabem ler e escrever. Meninas que não foram à escola, que não viveram para se aprender, desprender. E, prendendo-a, diz marido homem vem brincar. E vem-se. E em esposa menina enterra o cavaleiro a espada em pele fina, franzina, também, cavalgando planície adentro, primeira vez, muitas vezes, também. E nessas outras cidades, distantes, constantes, quão próximas diversão e perversão. E como escrever, irmãs, essa menina pura que é obrigada a casar por homem de família, que é violentada por homem mais velho, que não será nem mulher e nem menina o chegou a ser. E como descrever, ai irmãs, a pequena

boca do corpo sangrando, o ventre desfeito, o coração a acabar. Até que morte nos separe, diz marido já viúvo no quarto, logo na primeira noite. E penso em como feliz final me seria ser viúva. E penso em minha filha nascida morta, que Maria se haveria de chamar também e que ao menos não viveu para este não viver, este conto de fado. E ouço gritar além essa menina desposada, destroçada pela dor. E ouço gritar minha filha aquém, de coração acabado. E grito, mais ou menos viva.

E ouço gritar outras meninas, outras mulheres, noutras cidades, em tantas cidades, também da boca do corpo sangrando. E orando e chorando também, quando, sangrando, a sangue-frio se lhes cortam o clitóris e a sangue-frio se lhes costuram a boca do corpo, qual planície desfigurada, deformada, de forma que a nada nela entre. Mutiladas genitalmente. Em nome de deus, em nome da limpeza, em nome da pureza. Que tem menina que se guardar honrada se quer marido. Que tem mulher que se aguardar fidelizada se vai marido à guerra, mesmo até se para violar e matar mulheres e meninas outras e não poucas. Pois vede, irmãs, quantos, tantos mitos ainda por desflorar. E se já vai havendo mulheres que dizem a palavra não, são elas malvistas e as de véu nem vistas são e de véu vão para o céu, quantas, tantas, subjugadas à lâmina num qualquer quarto. Meninas e mulheres mutiladas genitalmente, socialmente. De vagina fechada, lacrada, qual janela de convento. Prendidas, repreendidas, idas para o céu ou fugidas para outras cidades adonde se possa abrir as pernas apenas para se deixar entrar e se gozar. E como escrever, irmãs, uma menina pura, por desflorar, que é mutilada pelas próprias mulheres, que assim não nasceram mas assim se tornaram e tornarão ainda, também. E como descrever, ai irmãs, tantas mulheres desfloradas, sangradas, infetadas também, que mutiladas não conseguem engravidar, que mutiladas só conseguem fazer nascer filha morta, mulheres totalmente decepidadas, infibuladas, efabuladas, infeliz final, real. Que para sobreviver só mesmo crendo noutra vida, em vida outra além desta morte.

Ai, irmãs, pudera eu poder fechar de vez minha boca do corpo e não mais sangrar. Dizer a palavra não a este marido, este santo marido que me vai mutilando, alienando, sexualmente, socialmente. E na sociedade somos quantas, tantas. Eu, que casei por querer e antes disso tive prazer e depois deixei de ter. Ela, a freira, que não casou não por não querer e antes disso teve prazer e depois deixou de ter, também. Elas, as noivas meninas, as mulheres mutiladas, que casaram sem o querer e que nunca tiveram prazer, antes ou depois. E quantas, tantas mais, demais. Que o prazer feminino é outro mito ainda por desflorar, socialmente, privadamente. E em privado vós, irmãs, em segredo, num quarto talvez, há cinquenta anos atrás escrevendo o direito ao gozo de nosso corpo, ao deleite, não aceite, socialmente, privadamente também. Três irmãs, Maria e Maria e Maria, mais uma trindade, porém quão pecaminosa, perigosa, disseram. Por deus e pátria e família, mais uma trindade, essa sim santa, santíssima, acusadas de imoralidade e pornografia na grafia assim do corpo de mulher, com desejo próprio, impróprio, além do servir e parir. E vós, irmãs, trio de mãos, trio sem medo, a falar de erotismo. E entre vós aquela pecadora, provocadora, disseram, a dizer-se senhora de si, quer dizer de mim, delas, daquelas, quer dizer de todas nós. A falar de orgasmos e espasmos, do querer e do ter.

Que imoral é a moral desta nossa história desigual, social, adonde nosso corpo existe e não existe, gritando. Pois vos digo, irmãs, que se muito prazer se nos faltou antes disso, depois disso, ainda hoje, se nos falta e faltará. E de prazer devemos gritar também.

Gosto que tenhas nojo mas que venhas comigo para a cama, é o que este santo marido diz, repete, noite após noite, que, se não o soubesse já tão afastado de epístolas, diria que houvera lido vossas cartas, irmãs, repetindo em mim o sofrimento, desalento. És bela, diz, repete, enquanto no quarto me obriga a me olhar no espelho, ovalado, doirado, eu esperneando, lutando. E cavalga-me. E vem-se. E grita de prazer. E grita-me. E grito de doer. E grito-me. Noite após noite. Mil e uma noites, mais, por demais. E sob ameaça desta morte em vida, iminente, omnipresente, como aqueloutra princesa, essa sim ainda bela, também eu, noite após noite, cuido em distrair meu marido, meu rei, que nunca se dá por satisfeito também, com histórias de enredos sem fim. Da fantasia à realidade. Das arábias ao ocidente. Que narrativas é coisa que me não falta, que nos não falta, irmãs. Que mais de mil e uma noites têm minhas histórias, que mais de mil anos têm nossas histórias, ainda que não o bastante cantadas, desencantadas, ainda que de tão infeliz final. E de morte certa quase certa sou, eis realidade. Eis fantasia. Põe véu e não fales, disse ele, numa noite, inspirado, irado. E eu ajoelhada, curvada, sentindo-o agarrado a mim, dentro de mim, quando dentro de mim já nada havia. E, neste convento, agarrada eu ao terço, eu enlouqueço, disse eu calada. E ele, que há mais de mil e uma noites atrás fazia bater forte o meu coração e que agora bate forte em todo o meu corpo. E é tão difícil ter este corpo batido, abatido, este corpo que existe e não existe. E nesta guerra de mim, sem fim, neste conto de fado, malfadado, eu não adormeço. E todas as noites, noite após noite, eu morro acordada um pouco mais.

E eu sei que, noutros quartos, nesta cidade, noutras cidades, outras mulheres vão morrendo, violadas, violentadas. Um pouco mais, de vez, todas as noites, noite após noite, dia após dia, século após século. Das arábias ao ocidente. Antes e agora. E eu sei que, a leste deste meu convento, nesta guerra de mim, existe neste momento outra guerra. E, nesta guerra de nós, eu agarro-me ao terço e não adormeço, pensando nessas mulheres e meninas violadas, quantas, tantas. E naquelas tantas meninas, em Bucha, numa cave, esse outro convento, estupradas uma e outra e outra vez e nas quantas que emprenharam à força. E quão forte terá seu coração batido por cada minuto em que cada guerreiro, cavaleiro, entrou e voltou a entrar e esteve dentro delas. E naquela mulher violada durante quase três horas e que é parteira e sem vontade de mais viver e que talvez tenha que ajudar a parir filhas mortas, à força concebidas, saídas. Que do país adonde antes chegavam noivos de Chagall, enamorados, enlaçados, voando vida, planície afora, chegam agora mísseis. Um quadro de morte. E, em nome de outra pátria, mais uma, famílias inteiras falecidas, tantas, assassinadas também. E quantas mulheres, umas atrás das outras, multiplicando-se, refletindo-se infinitamente em efeito espelho, obrigadas a verem-se umas às outras a serem violadas, mortas, a mãe a ver a filha, a filha a ver a mãe. E quantos, tantos litros de sangue vazados violentamente nesta guerra sem fim, de mim, de nós.

E em quantos, tantos países, infelizes somos ainda. Que mesmo adonde não há guerra declarada, há mulher violada. E na Índia, uma mulher violada por vários homens, num autocarro, atirado seu corpo ou o que dele resta para a rua. E no Peru, uma menina, crendo ter herdado do leite materno o pavor de sua mãe estuprada, enfia uma batata na própria vagina para evitar ser violada, também. E neste país, neste quarto, neste convento, agredida, transgredida, eu nunca irei amamentar.

E a mulher ainda com este paradoxo do corpo. De existir e não existir. Antes e agora. De ter que ser virgem, de ter que ser prostituta. Ora não pode abrir as pernas, ora tem que abrir as pernas e a boca do corpo e a outra boca e mamar em cavaleiro. De ter que ser mãe, de não poder ser mãe. Ora tem que parir muito, ora não pode parir mais do que uma vez, de preferência varão, de preferência não filha, essa que nasça morta ou morta será. De ter que abortar, de não poder abortar. Ora aborta pontapeada pelo marido, ora não pode abortar, mesmo que violada por guerreiro ou outro cavaleiro. E ora e chora. E ora e implora. E ora tudo isto em quantos, tantos países, infelizes adonde somos ainda e ainda não somos. Aqui eu, neste meu país, petiz, que sou e não sou mãe, que abortei e me abortei, que não irei amamentar, diminuída a leite de homem. Aqui eu, neste quarto, nesta cela, prisioneira de minha, de nossa guerra, a não encontrar a palavra não. Sim, irmãs, ainda a busca de nossa identidade na sociedade, do que é ser esposa, do que é ser mãe, do que ser se não se é esposa nem mãe. Sim, irmãs, ainda este não ser, este não ser inteira. Mais a mais aquelas que são traficadas, negociadas, aos pedaços, cabeça e vagina e coração. De quarto em quarto, de cela em cela. E tantas mulheres e crianças que se transplantaram de leste para oeste e que deixaram o coração no mesmo país, infeliz. E quantas outras que nem sequer quarto têm, pelas ruas orando e chorando e implorando, presas na cidade, no próprio país, esse convento a céu aberto.

E quando nós inteiras, libertas, no nosso próprio país, no nosso próprio quarto. E quando nós, quando eu, na linha da frente, nesta linhagem, nesta guerra, em que já entramos, entro, a perder, logo ao nascer, antes de nascer. Que mais forte bate a prática social que a prática legal e as leis da cabeça contaminam todo o corpo, o país, o mundo. Mas, sim, irmãs, chega, é tempo de se gritar chega. Chega. Desta cabeça que se nos controla, deste corpo controlado, também, com dono, ao abandono. Desta guerra que, sendo luta individual, é luta coletiva, também. Que, sem adormecer, penso se meu marido o mesmo fará a essoutra mulher, se a obriga a ajoelhar também, a ver-se ao espelho também, enquanto a penetra à força, também. Que minha história, que nossas histórias, na história se repetem, sem grande criatividade, com grande atrocidade. Antes e agora. E agora antes a violência começa, já no namoro. E logo cedo cavaleiro tão pouco cavalheiro. E antes uma janela separava os enamorados, ainda não enlaçados, retardando o toque, a sorte. E agora o maltrato, destrato, mais precoce ainda e ainda assim quantas, tantas, iludidas, rendidas, vão a casar, azar. Mas sim, irmãs, chega, é tempo de se gritar chega. E formarmos um bloco com os nossos corpos, repito. Luta de uma, luta de todas, irmandade. Irmãs umas das outras, até eu dessoutra com quem meu marido me trai e a quem, do meu quarto, grito que lute, que fuja. Mas, ai irmãs, é tão difícil desflorar este medo, o enredo, libertar-

-me. Aqui, neste quarto, que até já pensei em me matar eu, se não tanto assim para a morte me falta. Falta-me, minhas irmãs, como defendia aquela outra irmã, que se veio a suicidar, um quarto só meu, adonde se me possa escrever e ser.

Dissestes, repetindo: a mulher adúltera é ainda apedrejada de morte no Afeganistão e na Arábia Saudita. Era o ano de mil novecentos e setenta e um e em carta o dissestes irmãs Marias, vós, uma de vós, todas vós, palavras vossas. Disse, repetindo: as pedras, que não morrem, mas possuem o poder de matar mulheres ainda hoje. Era o ano de dois mil e dezanove e em poema o disse também irmã Ana, parte do nome de Mariana, de Maria vindo. E que me deu a ler as palavras vossas, as cartas vossas. E que se me, se nos morreu, precisamente quando eu aqui se me, se nos escrevia. E que escrevia também sobre filha sua, que é filha viva e tem agora mãe morta e eu que sou mãe mais ou menos viva e tenho agora filha morta. Digo, repetindo: jovem mulher condenada a ser apedrejada por adultério. É o ano de dois mil e vinte e dois e em conto, reconto, o digo também, também Maria, vossa irmã. Que o homem adúltero, esse, continua fornicando e à força, escapando impune, imune, meu marido, meu pai também. Que ao menos aquela outra irmã, que defendia um quarto só seu, quer dizer só vosso, só nosso, só meu, fez das pedras o que quis e com elas nos bolsos se veio a suicidar, num rio. Digo, acrescentando: no último ano, as mulheres no Afeganistão perderam direitos e liberdades conquistadas. Chega e não chega. E como se não chegasse, obrigadas de novo a véu que cubra rosto inteiro, obrigadas a ficar em casa, obrigadas a deixar os seus trabalhos, os seus estudos. Proibidas de certos livros, proibidas de viajar em transporte público, proibidas dos desportos de competição. Proibidas da vida. Morrendo. De fome e de clausura e de literatura. E em quantos, tantos quartos crianças subnutridas, subdesenvolvidas, filhas perto de mortas, filhas mortas. A minha, também. Pergunto: como tanto anda para a frente o tempo e nós tanto para trás?

Que estreita faixa nos separa, irmãs. Que anda para a frente o tempo e nós ainda tão estagnadas, quando não recuadas. Fora de casa, dentro de casa, dentro de nós. Na década de setenta, anúncios a máquinas de lavar prometiam ver-se a mulher livre do problema da lavagem, problema desde logo classificado como da mulher e não do homem. Mas o problema da clivagem, mulher e homem, esse sim o real problema, dilema, aí estava e cá continuou, bem preso, imundo, no mundo. Antes e agora. Que há agora tanta máquina de lavar e secar e aspirar e tanto permanece por limpar, purgar no dia-a-dia. Que tão pouco adianta tanto eletrodoméstico, que o doméstico, esse problema, edema, tão pouco muda e tarefas de casa são tanto ainda tarefas da mulher e sozinha. E sozinha lavo roupa, do vestido sangue e sémen esfrego de tanto se esfregar ele em mim. E sozinha lavei vestido também da que se me já morreu, tão pura, que nem com a filha morta me ajudou ele, o pai, o marido, o homem de família. Nem erotismo nem companheirismo. E que me adianta moderna máquina de fazer comida, se também sozinha a como ou a mim atira com o prato dizendo-o insosso. A mim, que, além quarto, além sangue, tanto choro salgado verto também na cozinha e o que mais me serviria seria a invenção de máquina de secar lágrimas e máquina de tirar nódoas negras do corpo. Que

há agora até uma assistente virtual, virtuosa, de nome Alexa, que bem se poderia chamar também Maria, fazendo tudo que lhe mandam. E que até abre e fecha janelas e portas sozinha, sozinha continuando eu, continuando nós, irmãs, aí e aqui, antes e agora, enclausuradas dentro de casa, de casa dona, madona, como a primeira Maria. Pergunto, repetindo: em que mudou a situação da mulher? Pergunto, acrescentando: com tanta evolução digital, o que mudou na evolução social?

Tornei-me uma máquina do disfarce. Tornei-me perita, produtos de lavagem dentro de casa, produtos de maquilhagem fora de casa. E fora de casa as nódoas negras dissimulo. Rosto e corpo e espírito. Passei a conhecer todos os anúncios a cosméticos que prometem ver-se a mulher livre do problema da imperfeição. E feição minha, vergonha minha, encubro com cremes e pós e batom vermelho para melhor disfarçar o sangue da boca. Passei a usar todas as palavras fingidas que escondem quem é usada, abusada. E não sei que dor maior será, irmãs, se este fingimento no corpo, se este fingimento na língua. De dentro para fora de casa, de casa dona a bela dona, madona, dizem as outras mulheres, irmãs, algumas também fingindo, fingindo-se. Que dentro de casa, não sou ninguém. Que fora de casa, sou alguém, alguém que não eu. E de dentro para fora de casa e de fora de casa para dentro, sigo em autocarro, também, que ao menos neste país pode ainda a mulher viajar em transporte público. Fora no Afeganistão e nem aqui poderia estar, nem fora de casa. Fora na Índia e poderia eu ser uma das quantas, tantas mulheres violadas por quantos, tantos homens. Em certos dias, quedo-me junto à janela do autocarro reservada a futura mãe e finjo-me grávida, apenas para fingir que minha filha está viva dentro de mim ainda e que ainda dentro de mim existe vida e coisa mais que pénis penetrado à força. E regresso a dentro de casa.

E fora de casa vão-se disfarçando outras mais coisas. Antes e agora. E agora certos anúncios de emprego com linguagem inclusiva, fingimento na língua, se é homem quem se quer. Ou mais oportunidades de trabalho para a mulher sem filhos, que os tem que ter. Que, os tendo, mais pode ficar a perder. Que, os perdendo, parte de si mesma perde. Eu. E o elogio à capacidade feminina de tanto gerir, digerir, ainda que na maior parte das vezes, na maior parte da vida, sozinha e dentro de casa, que fora de casa mais lideram os homens. Quando iremos nós, irmãs, a mais votos, a outros votos, quando nós as votadas e à submissão menos devotadas, discriminadas. Eu. E as mulheres substituídas por máquinas, até no sexo, que, em vez de cartas de amor, recebem cartas de despedimento. Máquinas disfarçadas de mulheres e mulheres disfarçadas de máquinas, nesta mecânica social de não reagir, de agir, mecanicamente, repetidamente, sempre da mesma maneira os comportamentos, sempre a esconder os sentimentos. Eu. E o assédio, pois que culpa tem o homem de tesão diante de tão bela dona, mais a mais com batom vermelho nos lábios, ainda que para melhor disfarçar o sangue da boca. E eu tão sangrada, desarranjada por dentro, que talvez homem algum que deveras me olhe, veja, queira nem mesmo cometer comigo adultério. Que não nos enganemos, irmãs, que quantas, tantas vezes a mulher mais pintada é a menos estimada, a de menos autoestima. Eu.

Estimadas irmãs, sim, chega de tão pouca estima, a própria e a do outro. E estímulo maior

nosso alimentarmos, votarmos, dentro e fora de casa, na cama, no trabalho, na escrita. Sim, irmãs, pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, passado e presente e futuro, mais uma trindade, que estreita faixa nos separa e aproxima ao mesmo tempo, em tantos tempos. E Mariana, escrevendo a cavaleiro, sobretudo a si mesmo se escrevia, tão desapossada de si, do que poderia ter sido, enchendo-se de artifícios de linguagem. E vós, queridas irmãs, de Mariana tirando o mote e de vós mesmas o motivo, escrevendo, reescrevendo cartas contra nossa posse, a favor da liberdade e igualdade e irmandade, mais uma, estimada trindade. Cartas ditas portuguesas, cartas do mundo, universais, intemporais, do antes e do agora. Cartas escritas ao longo de nove meses, nesse parto que deu vida, que vos ameaçou vida, que me deu vida. Cartas não assinadas, mais também para vosso alimento que do que para o outro, pretexto. E eu este texto, pretexto também, para a mim mesma, para a nós mesmas se nos continuar a alimentar em cartas novíssimas, velhíssimas, ao mesmo tempo, em tantos tempos também. Sim, irmãs, chega, é tempo de se gritar chega, é tempo de eu gritar chega. E chegar aqui é difícil, mas chega de disfarce e chega outro desenlace nesta minha história. E me chegou de vossas palavras a palavra não, o coração, a coragem, numa noite em que, sangrando e orando e chorando, julguei morrer de amor, da falta de amor. Pois que é isso o que pode a literatura, a de nos salvar, lavar, apalavrar. E quanto, tanto, as vossas palavras em mim, meu estímulo, minha estima. E hoje eu vou deixar este quarto. E hoje vou para um quarto só meu, adonde me possa melhor reescrever, ser. E hoje daqui sairei viva, dentro de mim, planície afora. Minhas queridas Três Marias, filha única eu, vossa irmã.

# Maria

Delano Valentim da Silva

Quando Maria vê o menino a se aproximar de sua cama pensa na primeira vez que se deitou com um homem. Não sentiu nada. Apenas dor. Mas o ato custou caro. Fez com que Maria pegasse barriga, como o povo dizia, e fosse expulsa de casa, mesmo sem ter gostado da experiência. Foi por curiosidade e pena de José. Ele era triste. O filho nasceu com a dor da perda da virgindade de Maria. Ela foi com José porque ele era o único que não queria, se aproveitar, dela, como diria o outro. Depois do filho José sumiu.

- Maria cheia de graça...
- Maria cheia...
- Maria cheira... desgraça!
- Maria balofa! Maria gorda!

Maria morava numa aldeia do interior. Os homens viviam atrás dela. Todo mundo se conhecia, seguia as mesmas regras, e frequentava a igreja da praça. Maria queria ser professora, mas não podia, ela precisava sustentar o seu filho. O lugar não acompanhava as modas das novelas. Maria teve um filho doente e foi trabalhar na casa de Madalena, uma menina rica, recém-casada e branca. O marido de Madalena saía para trabalhar e ela dizia: "Você é tão jeitosa, Maria..." Maria pensava o mesmo de Madalena.

- Ah... se eu fosse branca...
- Ah... se eu fosse rica...
- Ah... se eu fosse magra...
- Ah... se eu tivesse estudo...

Sem saber como, Maria se sentiu empurrada para os lados de Madalena. A jovem dizia a ela que poderia deixar o seu filho no quarto com os brinquedos do filho dela, pois ele estava na escola. Um dia quando mal o marido de Madalena virou às costas para ir trabalhar, Maria sentiu a presença dela muito próxima e um perfume avassalador. Ela voou para cima de Maria e de todo jeito enfiava a sua língua febril e sedenta dentro da boca salivosa de Maria. As duas passavam agora a

maior parte do tempo grudadas.

- Olha a gorda!
- Maria Preta!
- Olha o racismo, hein!
- Isso aqui é favela, porra! Não tem disso não!

Maria não podia mais frequentar a igreja. Ela havia se perdido, como se diz por aí. Engraçado é que o padrasto de Maria que sempre tocou seu corpo desde o tempo em que seus seios ainda eram carocinhos, a expulsou de casa por ficar grávida. E foi o primeiro a dizer mesmo disse que o pecado não era uma coisa de Deus. A família de Maria havia parado no tempo. Foi o que ela ouviu demasiadas vezes tempos depois. A mãe de Maria não se importava. E Maria não sabia se o filho era do padrasto ou de José.

- Maria, você pode arrumar nossa casa.
- Tomar conta do nosso filho.
- Pode morar na edícula.
- É para cozinhar, limpar e passar.

Quando o marido de Madalena, que era um homem tão bom, descobriu... Todo mundo ficou sabendo. Nunca mais Maria soube de Madalena. E ela nunca mais soube de Maria. Madalena foi mandada para um manicômio, segundo as más línguas. Ela levou choque. Estava doente, disseram. Maria foi exorcizada na igreja. Mas fugiu de com o filho. Caminhou quilômetros. Foi parar na beira de uma estrada. O marido de Madalena se matou com um tiro. Maria pegou boleia de caminhão. Na cidade eles cantavam:

- Maria sapatão...
- Sapatão! Sapatão!
- De dia é Maria!
- De noite é João!

Ao chegar na cidade onde se passavam as novelas e onde havia a praia que Maria tanto desejava conhecer. Ela foi ajudada por uma senhora que disse a ela que tomaria conta de seu filho e que pagaria a ela casa e comida. Mas Maria precisava se deitar com alguns homens. E quando não fosse isso, Maria arrumaria, cozinhar e cuidaria dela. A senhora que havia ido para a rodoviária esperar que alguma menina desesperada desembarcasse de um ônibus querendo sobreviver na cidade

grande disse à Maria:

- Você teve sorte de me conhecer.

Depois de muitos anos Maria pensaria: "Realmente eu tive sorte." Mas há quem diga que não. "Eu era bonita antes de engordar tanto. Na revista diz que é ansiedade." Um dia esta senhora morreu e Maria já estava acostumada a sobreviver no caos. Pegou alguns trechos e cacarecos seus e foi morar numa favela com o filho. Começou a dividir um barraco com uma amiga de luta como se chamavam as mulheres do prática de se deitar sem vontade com homens sem gosto. Mas a amiga bolinava o pénis de seu filho.

- Maria...

- Maria...

- Uma certa magia!

- Uma força que nos encerra! – Dizia a música.

Maria mudou muito desde que chegou à cidade. Ela até teve uma namorada com quem viveu maritalmente. Mas nada como Madalena. Mas agora ela pensa na última carreira de pó. Maria gosta da sensação agradabilíssima da coca adentrando às suas narinas. Aquele cosquinha gostosa, a ardência, o baque... a rola do menino a roçar seus lábios vaginais. Do chão Maria sorri ao olhar para o céu azul leitoso... como creme de leite. Igual leite condensado da porra da gosma do menino da qual ela lembra do cheiro.

Maria sorri para a menina atrás do balcão que passa a roupa na máquina. Ela escuta o bip e vê as luzinhas se acenderem. É como quando nos desenhos animados é possível ouvir o som de caixas registradoras. Maria pensa na galega, na gazela, na donzela, como ela repete para si mesma, a imagina deitada numa cama. Maria gosta de mulher também. Ainda gosta de mulher. Embora o seu casamento com Felipa não tenha dado certo. Ela gosta de se deitar e se lembrar de Madalena. Como estar a Madalena?

- Maria... diz Coca-Cola! Coca-Cola! Refrigerante de cola! Refrigerera a minha alma... senhor... incendeia a minha alma...

Ela varre a rua a ouvir louvores. Maria escuta a conversa do menino com seu comparsa no corredor.

- Maria gosta de mulher!
- E daí, porra!

No ônibus a caminho das lojas Maria pensa: “Eu não devia ter fumado. Não fumado. Fumo deixa molenga. Fumei porque o menino ofereceu...”

Maria vende roupa para as dondocas. Roupas de madames. Ela não usa aquelas porcarias. Mas elas usam. Tudo mulher de bandido. Elas pagam caro. Maria ainda precisa se esconder da câmara. Elas querem roupas novas. As meninas do tráfico. Elas frequentam academias perto da favela. Elas gostam de bailes, de motos, elas não são como Maria. Elas não conseguiriam viver onde Maria viveu. Maria conta alguma história do lugar de onde veio as meninas pensam que é mentira. A favela é o lugar de Maria.

- Conta outra Maria! Ninguém vive assim hoje em dia. Hoje em dia quem quer dar dá. Quem quer comer, come. Não existe isso de culpa e nem nada.

- Vocês estão por fora! - Maria diz – lá na minha aldeia não é assim! – Vocês pensam que sempre existiu internet? Hoje em dia é que se fala de preconceito e mais não sei o quê. Quando eu nasci, a foto era em preto e branco, assim como a televisão, porra!

Maria e o seu filho doente. Filho sem pai. Sem nome do pai na certidão de nascimento. Chão de terra. Barraco de madeira. Bairro de lata. Maria reza. Os louvores de igreja se misturam com as músicas do mundo e a cocaína em sua acelerada corrente sanguínea. Maria, isso é uma lua de sangue, o menino explicou a ela. Maria olha dos barracos para os carros que passam nas marginais, as vigas do barracos, e as vias, como as suas narinas. Lua de sangue, ela repete. Eu sou de sangue, não sou? É, sim, você é.

- Eu não vou foder com esse menino. Deixar o menino na minha casa até mais tarde...
- Todo mundo comenta.
- Pegou esse menino para criar Maria?
- Mulher não bebe sozinha. O povo fala mal...
- E daí? Eu bebo sim. Eles que se fodam!
- Não puxa a cadeira pra mim. Eu tenho mão.
- É só uma gentileza.
- Quer escolher uma música Maria?
- Escolhe a que você quiser!

Maria olha o menino andar trôpego até a máquina de música. Gosta da bunda dele. Ele tem uma bunda enorme, igual àquele jogador de futebol. Ela sempre presta atenção às bundas dos homens. Ele tem um bunda grandona. Coxas cheias. Lábios cheios. Maria mudou tanto. Nunca imaginou que ia viver desse jeito com toda essa liberdade na favela. Podendo dizer o que pensa e o que quer. Mas o povo fala. O povo fala mesmo. Mas nem de perto se parece com a aldeia. E ali todo mundo é da igreja.

- Na favela todo mundo é evangélico.

Maria varre à rua enquanto canta louvores da igreja. Na favela todo mundo bebe, cheira, fuma, mas todo mundo é cristão. Mesmo os que não frequentam a igreja se dizem cristãos. A única coisa que não pode é ser macumbeiro. Gostar de batuque e de coisas da África. Eles riem das bichas, dos gordos, e das sapatões. Mas Maria não liga, com tanto que a deixem em paz. Eles são todos pobres, trabalhadores, bandidos, ganham mal, comem mal. Eles não ligam para o que as atrizes dizem nas redes sociais.

- Maria, tá chapada!

- Você de novo, menino! Vá de retro satanás!

- Maria, Maria ... tome cuidado!

- Eu sei o que você quer sua escumalha! Então, entra logo!

- Maria cheira e vai ouvir louvores. Essa é boa!

Maria não resiste. O menino anda atrás de Maria. É tesão. É isso que os olhos do menino dizem. Mas ele não faz nada. Só fica o dia inteiro no sofá a jogar games. Tudo de graça. Tudo pirata. Ninguém paga nada no morro.

Maria grita para ele:

- Fode o meu rabão! Fode! Você não é homem, não, porra?

- Sou caralho! – Ele diz com vergonha.

O filho de Maria assiste tudo com o seu ar inocente. Ele é retardado, a vizinha Dona Bruxa diz às suas costas. O menino afasta às mãos do filho de Maria com cuidado. Ele deve ter quase a sua idade. Maria se abre na cama. Maria abre as pernas e diz:

- Menino me chupa, vai! Eu quero gozar, porra!

O menino é bom para o seu filho. O filho pensa que é brincadeira da mãe. A sua mãe brinca com o outro, mas não quer brincar com ele. Maria lembra de seu outro filho que está preso. Novo, novo, bonito... dentes brancos... Traficante. Desde cedo, ela diz. Puxou o pai, o pai morto. Filho de cliente bandido. Maria quer chupar o ânus do menino. O menino pensa que ela gosta de mulher e não quer que ela enfie nada no seu rabo. Mas pensa: "Que se foda!"

- Maria não estudou, porra! Maria não quis ouvir os mais velhos. Não tem dinheiro, não tem nada.

Maria é preta. Maria Preta. Dizem que o rapaz é um gigolô. Um gigolô de carreira... Só se for carreira de pó, Maria diz. Ela não se importa com a vigilância dos vizinhos.

- Ih, gigolô... a minha avó dizia isso, palavra antiga! Por ele a gente vivia de baseados. E o meu filho, o que eu faço com o meu filho, porra?!

Ela pergunta ao menino que sorri e muda a música.

- Por que Maria Preta?

- Eu me pinteí de branca quando era criança...

- Gente preta só se fode - o menino diz.

- Gente preta só se fode! - ela repete. - Não vai perguntar o porquê de gorda? -Ele apenas sorri como quem não se importa.

Maria vê uma menina falar dos homens no Facebook. Homem não presta. Maria diz:

- Esta vadia patricinha não sabe nada da vida!

- Sabe sim, Maria. Ela estudou. Usa óculos.

- Só porque ela usa óculos você acha que essa franguinha estudou? Você quer foder com ela?

Vai lá ver se ela fode contigo!

A casa é uma casa de loucos. Uma confusão de sons. Jogos. Música. Notícias. O filho fica sentado a sorrir no sofá. Metade de um baseado apagado no cinzeiro.

- Bora, foder!

- De novo?

- Não é homem, não, porra?
- O pai dele te batia?

O menino aponta o queixo para o filho de Maria. Tentou uma vez. Joguei a panela de macarrão quente em cima dele. Mentira. Maria Preta sabe do esquema. Ela olha ao redor. Se esconde das câmaras.

- A minha boca tá doendo, Maria!
- É para doer mesmo!
- Tá ardendo!
- Deixar arder, porra! Que fique inchada...
- Vai inchar!
- Ainda vou te deixar um chupão no pescoço... elas precisam saber que você é meu!
- Vai... chupa essa tabaca velha e para de reclamar!

O vizinho bate com o cabo de vassoura na parede.

- Fode mais baixo!
- Vai tomar no cu! - Maria diz.
- Você é Maria vai com as outras? Maria? Como é sexo com duas, três mulheres?
- Melhor do que com homem!
- Como?
- É melhor...
- Você bem que poderia arrumar umas amigas.
- Se você arrumar uns amigos...
- Ai...
- Quer foder ou conversar, caralho? Anda, chupa essa porra!

O vizinho bate de novo na parede. Teve sorte de naquele ano estar com Felipa. Ela lembra do barulho nas barras de ferro. O som das correntes sendo passadas na grades. Ela se assusta. Escuta um alarme. Não sabe se é o da escola, de uma loja, ou da cadeia. Um sinal em sua cabeça.

- Ouvi uma fofoca que a Dona Bruxa... ameaçou chamar... o consei...
- Conselho tutelar?
- Sim, é, é isso. Acho eu...
- Quem disse isso?

- Burburinho da rua.

O menino em pé na porta mete o doce de abóbora na boca.

- Que piada é essa? Eles vão tirar o meu filho de mim?

Maria vai à janela.

- Vai tomar no cu o conselho tutelar! Enfia o conselho tutelar no cu! Ninguém me dá porra nenhuma, nesse caralho de lugar!

O vizinho grisalho e branco calejado como um veterano de guerra sentado no portão com um gato aos seus pés conversa com outro vizinho que tem uma beata de cigarro apagada entre os dedos e diz:

- É isso, porra! Vai vendo!

E dentro da casa de Maria o menino repete monologando.

- É isso, mesmo...

- Tirarem o meu filhinho de mim, não, porra... eu amo o meu bebê.

Maria está sentada no sofá ao lado de seu filho que apenas sorri com cara de bobo, como diz Dona Bruxa. Ela chora.

- Sem pai com um irmão na cadeia, quem vai cuidar do meu filho? O pai morto? Não cuidava nem se estivesse vivo! O irmão preso é uma tranqueira. E essa velha maldita não quis cuidar do meu bebê.

- Se eu estiver por aqui eu cuido dele.

- Porra nenhuma! Cuida nem de si mesmo!

- Maria!

Gritaram do portão.

- As malucas estão doidas atrás das roupas... Você vai aonde?

- Vou lá conhecer as suas amigas.

- Porra nenhuma. Nem fodendo! Fica aí... que eu não confio em homem.

- Já vou...

Ela grita.

- Ave Maria cheia de graça...

Maria sua frio. Do mesmo jeito de quando o padrasto se aproximava dela, e ela percebia que ia começar o abuso para si ou os espancamentos da mãe.

O menino diz:

- É lua de sangue, Maria. Você é uma lua.

Depois de ser espancada por uma multidão sendo chamada de ladra numa rua de uma das cidades mais violentas do mundo, antes de fechar os olhos Maria geme:

- Quem vai cuidar do meu filho?

# *Carta de uma mulher de nome Mariana, estabelecida por tempo incerto num quarto arrendado em Odemira, ao homem que em Lisboa aguarda o seu regresso*

Manuel Abrantes

Meu querido,

Hesitei até na escolha destas primeiras palavras, as duas palavras com que me dirijo a ti. O meu receio é cair numa intimidade que julgues excessiva para as atuais circunstâncias. Sem a intimidade, contudo, arrisco-me a impor uma distância, uma frieza, uma solenidade que me parece também desadequada. Sem dúvida preferiria uma explicação ao vivo ou, pelo menos, através do telefone. Ouviste-me várias vezes desde que parti e tens de acreditar que não fui capaz – tentei com todas as minhas forças e não fui capaz – de murmurar para o auscultador senão aquelas respostas curtas e vagas. Com razão te enfureceste: eu própria senti repulsa pela voz trémula com que fugia às tuas perguntas tão lógicas, tão concretas. Não posso garantir que esta esferográfica e esta folha de papel me confirmem o dom da clareza, mas oferecem-me a oportunidade de avançar passo a passo, sem pressas nem interrupções. O pior que pode acontecer é não queres ler. O pior que pode acontecer é achares-me covarde por recorrer à escrita. O pior que pode acontecer é duidares da minha sinceridade. Para minimizar os riscos eu teria de colocar uma máscara, teria de fingir ser outra pessoa, e esta carta tem precisamente o objetivo oposto.

Antes de amarfanhares o papel e o deitares fora, quero ao menos assegurar-te de que não te enganei. É compreensível que assim tenhas pensado. A verdade é que, quando saí de casa, eu não sabia aonde ia. Não fazia ideia. Gostava de te relatar o que se passou justamente como se passou, isto é, pondo-me na pele da mulher que eu mesma era no momento em que o vivi. Apercebo-me de que falo dessa ocasião como se tivesse decorrido muito tempo – o calendário indica que decorreu

apenas uma semana e meia. Num espaço de tempo tão breve, as experiências de então tornaram-se para mim difusas como as experiências de outra pessoa, como se me tivessem sido contadas por uma amiga ou até por uma desconhecida. E portanto é só nesses termos que consigo descrever o que aconteceu à mulher que eu era há uma semana e meia, a mulher que estava a discutir contigo acerca de um assunto sem importância, uma qualquer desavença de marido e mulher, típica ao cabo de quase três décadas de casamento, e ela, a mulher, tinha consciência da pequenez da querela e da necessidade de evitar a escalada, um conflito minúsculo pode degenerar em grave contenda, e talvez tenha sido essa noção que a impeliu a deixar de súbito o apartamento sem uma palavra de despedida, aliás sem outro cuidado que o de agarrar a carteira. Uma vez na rua, calcorreou quarteirões como se atrasada para um encontro. Algo a conduzia – o quê? A exasperação, a impaciência, sim, mas algo mais: um sobressalto, um desconforto, uma dúvida galopante... Não vale a pena perder tempo a tentar explicá-lo, creio que toda a gente o sente de vez em quando, também tu já terás conhecido essa aflição de, por um momento, não compreendermos o mundo, não percebermos porque estamos onde estamos. A reação sensata é ocupar o pensamento com outras matérias, tomar um chá, empreender uma caminhada, tanto faz, o cérebro não tardará a reentrar nos eixos. A mulher de quem estou a falar caminhou, caminhou sem rumo. Foi enquanto ela caminhava que os seus raciocínios começaram a adquirir sentido, certos pontos no seu horizonte mental ligaram-se entre si e progressivamente formaram linhas retas, depois triângulos e círculos, depois constelações, e essas constelações deram à mulher a impressão de que se poderia orientar, definir um itinerário, concretizá-lo até. Arrisco-me a soar confusa; ou, pelo contrário, demasiado racional. O facto é que os passos da mulher a levaram ao terminal rodoviário e ali estava ela parada no átrio a contemplar o enorme quadro com os destinos e os horários das camionetas. E, como num sonho, embora talvez seja mais correto dizer como num pesadelo, os nomes das povoações eram-lhe difíceis de ler, tão frenéticos os seus pensamentos e tão buliçoso o movimento ao seu redor, pessoas a deslocar-se com motivos evidentemente precisos e urgentes, só ela imóvel e perdida, de olhos postos no quadro até um nome se destacar dos demais e ela entender que era pegar ou largar, e poucos minutos depois apertava um bilhete entre os dedos e corria com um motivo tão preciso e urgente quanto o de todas as outras pessoas, a camioneta já de motor ligado e ela ofegante a deixar-se cair no assento, transpirada e aliviada de ter chegado a horas.

Há sempre uma promessa de apaziguamento quando o nosso corpo se compenetra de que vai deixar para trás o alvoroço da cidade. A camioneta atravessava o Tejo imiscuída no fragor de automóveis e motorizadas e já a lucidez me fazia ver que eu não voltaria a casa senão no dia seguinte. Estava prestes a anoitecer e a viagem levaria duas ou três horas se a memória não me induzia em erro. Supus que, em todo o caso, seria fácil encontrar pouso onde dormir; e até a partida intempestiva me pareceu simples de justificar, exaltei-me, precisava de desanuviar, precisava de um bocadinho sozinha. Deixei-me levar pela camioneta que ganhava velocidade na autoestrada, acabei por dormir; disso só me apercebi ao despertar estremunhada, as costas doridas da posição incómoda, lá fora o

céu escuro, não se vislumbrava outra coisa senão a planície alentejana. Tive então de admitir a mim mesma que o nome de povoação no meu bilhete era tudo menos arbitrário. Que a minha inquietação era tudo menos superficial. Que a viagem iniciada assim de supetão era tudo menos uma veleidade.

Procurei desculpas para o meu comportamento. Remoí antecedentes e interpretações. Convenci-me de que as nossas discussões se tinham tornado insuportáveis. Como de costume, culpei as insónias. E porque terei começado a sofrer de insónias? Pode ser da idade. Afinal de contas, dentro de poucos meses estarei a completar cinquenta anos de vida. Mas é capaz de não ter qualquer relação com aniversários, nem com balanços existenciais, nem com hormonas, é capaz de se dever aos noticiários apocalípticos, à pandemia e à guerra e à catástrofe ambiental. Com o tempo, as noites mal dormidas desgastam-nos ao ponto de não nos interrogarmos já sobre os seus motivos: todas as nossas atenções se concentram no desejo de dormir, na necessidade imperiosa de dormir. Talvez imagines que te odiei quando te vi a gozar o sono dos justos nas minhas noites de desespero. Talvez imagines que me afastei de casa num gesto de vingança. Nenhuma das coisas é verdade. Refleti muito durante a viagem de camioneta e, se não cheguei a qualquer conclusão sobre as minhas insónias ou sobre as nossas quezílias constantes, percebi pelo menos que a minha partida tinha sido o ato de um animal acochado, um impulso de sobrevivência. E, tratando-se de um impulso de sobrevivência, era necessário questionar-me quanto ao porquê da camioneta e ao porquê do nome indicado no bilhete, Zambujeira do Mar, como podia esse destino assegurar-me a sobrevivência, que sobrevivência era essa a que eu aspirava?

A exaustão física e mental impediu-me de apreciar a chegada ao destino. Lembro-me de ser surpreendida pelo frio quando me apeei da camioneta; esquecera o vento oceânico, esquecera a temperatura baixa que se faz sentir à noite nesta região, mesmo em meados da primavera. Pensei que precisava de um abrigo – como um animal acochado – e pedi indicações às primeiras pessoas que alcancei. Foi do quarto de uma residencial que te telefonei. Sim, aquela primeira chamada telefónica em que tu estavas nervoso e eu estava no cume do meu desnorte, como havíamos de ter feito melhor?

Se então eu estava no cume do meu desnorte, pode dizer-se que na manhã seguinte comecei a descer a montanha. Mas há muitos trilhos para descer a montanha e cada pessoa toma o seu, ou melhor, cada pessoa desbrava o seu, pois não há trilhos previamente definidos para descer a montanha. A alvorada encontrou uma constatação solidamente implantada dentro de mim: seria absurdo regressar a casa sem antes ir ao local exato que originara a minha escolha da Zambujeira do Mar. A manhã estava soalheira, a temperatura amena, não me faltou encorajamento para a odisseia. Mais comum e expectável de uma visitante teria sido seguir na direção inversa, rumo ao centro da povoação e à praia – mas eu virei costas à povoação e à praia e caminhei pela berma da estrada com passos calmos e determinados. Caminhei durante horas. Às vezes passava um automóvel ou um camião, às vezes chilreava um pássaro, no resto do tempo só tive por companhia o silêncio, o silêncio e a planície interminável, uma paisagem toda ela em tons de amarelo e verde, à qual se somava o azul límpido

do céu, como se o pintor tivesse disposto apenas de duas cores básicas e isso o tivesse levado a um extremo de criatividade que tornara possível aquele resultado admirável, ao mesmo tempo cândido e majestoso. Houve momentos de júbilo, sim. De outro modo como teria eu completado o percurso? Pois não duvides que acabei por chegar ao local. Reconheci-o de imediato. Um campo vazio, sim, um baldio imenso; mas foi-me fácil avistar, com a lente da memória, as estruturas de metal e polietileno que ali conhecemos e que, tanto quanto sei, continuam a ser armadas todos os verões para acolher torrentes de entusiastas. A fim de descansar um momento não encontrei hipótese senão sentar-me na terra. E não era o que fazíamos? Sentávamo-nos no chão, dormíamos no chão, ríamos da roupa cheia de pó e das costas doridas ao acordar. Não penso que as agruras fossem menores nessa época: as incertezas dos primeiros empregos, as contas para pagar, os espinhos inaugurais da vida adulta... Mas não tínhamos medo. Havia o fôlego, a curiosidade, até a confiança, todas as coisas que damos por adquiridas quando as possuímos; e havia ainda outra coisa, uma leveza, talvez seja a melhor maneira de o dizer, uma leveza que fazia parte de nós e que em tempos posteriores se tornou, na melhor das hipóteses, episódica – e, pior que isso, caprichosa e insondável. Pode ser uma afirmação banal mas não me parece irrelevante que tenha sido naquele baldio, durante os festivais de música, que vivi os momentos mais felizes da minha vida. Sentada na terra olhei o baldio deserto e recordei em pormenor a última vez que lá fomos, quando eu já estava grávida mas ninguém além de nós os dois o sabia. Estou certa de que também tu, embora disseses que ias apenas para me fazer a vontade, sentias algo muito superior à simples diversão. Foste tu quem propôs, no último dia desse último festival, que ficássemos mais uns dias na região, só os dois, enquanto todos os amigos voltavam para casa. E foi com a altivez própria da felicidade que eu te respondi: porque não?

As recordações imbuíram-me de um novo ânimo. Levantei-me do chão e recomecei a caminhar pela berma da estrada. Apanharia a camioneta de volta à capital, consertaria tudo o que estava quebrado na minha vida. Se noutro tempo conseguimos que as coisas resultassem, pensei, está ao nosso alcance recuperar as virtudes e os equilíbrios necessários para fazê-las resultar outra vez. As minhas conclusões eram grandiosas e magnânimas. Infelizmente, só duraram meia hora. O calor pôs-me a suar em bica. As dores nas costas obrigaram-me a suspender a marcha várias vezes, para não mencionar as dores nas pernas. Apercebi-me de que perdera o casaco que levava atado à cintura, com certeza ficara lá atrás onde eu me sentara na terra: tinha de retroceder para ir buscá-lo, mas valeria a pena? E seria capaz? O calor, a aridez... O meu otimismo ruíra como um castelo de cartas. Com a nossa idade uma pessoa ainda não se considera velha, mas já não se consegue enganar a si mesma com a facilidade de antes. As memórias pesavam-me agora como uma montanha sobre os ombros. São bem conhecidos os atrativos da nostalgia; longos serões de amigos são ocupados a nadar no mar agradável e traiçoeiro da saudade; há lindas canções e poemas a falar disso; o que evitamos dizer é que algumas dessas memórias, além da melancolia contemplativa, também nos suscitam ressentimento, rancor, ódio. Eu fui aquela pessoa, conheci aquelas emoções, e tudo isso

me foi roubado, está fora do meu alcance para sempre, mais valia não o ter tido nunca, nunca. Assim pensava eu enquanto ia caminhando – já não sei se para a Zambujeira do Mar, se para o baldio à procura do casaco – e vi aproximar-se um pequeno grupo de homens. Vindos da direção contrária à minha, avançavam pela berma do outro lado da estrada; tinham uma aparência incomum, rostos de traços orientais, pele escura ou muito bronzeada do sol. Interrompi o passo. O meu semblante terá certamente deixado transparecer o medo e o desamparo. Os homens continuaram a andar como se nada fosse; tive até a impressão de que, quando nos cruzámos, um deles me acenou à laia de cumprimento. Retomei caminho muito contrariada, que estúpida, o que faço aqui? Decidi que estenderia o polegar quando visse um automóvel mas o receio demoveu-me sempre, o receio e um pouco de vergonha, imagine-se alguém da minha idade a pedir boleia à beira da estrada, retraía-me, enfiava as mãos nas algibeiras, o automóvel passava e desaparecia.

Ao entardecer estava finalmente a aguardar numa paragem de camioneta. Consegui assim deslocar-me até à vila costeira onde passámos aqueles dias depois do festival. Nunca lá voltámos – agora pergunto-me porquê – mas creio que Milfontes mudou pouco desde então: encontrei logo a pastelaria onde gostávamos de tomar o pequeno-almoço e, um pouco adiante, a casa na qual arrendámos um quarto. Desta vez pedi um quarto numa residencial, mas não longe daí. É óbvio: queria expor-me à dor, queria afundar o espinho na pele tanto quanto conseguisse, até ao osso se possível; e estava ciente de que, quanto mais esmiuçamos o passado, mais custa enfrentar o presente. Foi essa a minha ocupação nos dias seguintes. Visitei todos os sítios onde tínhamos passeado. A foz do Mira. As praias. As falésias. Sentei-me em esplanadas, ouvi as conversas das outras mesas – as vidas comuns de todas as pessoas, os sinais de amor, os reencontros, as querelas. A crueldade que me movia, dirigida em primeira instância a mim mesma, dava-me também um certo tipo de prazer. Tomei consciência de que os dias dos festivais de música e os dias de Vila Nova de Milfontes ficaram inscritos a sangue na minha memória não tanto pela felicidade que me proporcionaram, como julgara antes, mas por terem sido as últimas ocasiões em que me senti jovem. E haverá diferença? Nem eu saberia esclarecer se tentava salvar a jovem que fui, se a tentava matar definitivamente. Apenas confiava que, atravessando o expoente da mágoa, existiria um modo de ressurgir limpa e sábia.

Não aconteceu. Tudo o que descobri foi que não podia demorar-me mais um minuto em Milfontes. Desta vez, contudo, não houve desnorte na fuga: houve raciocínio e lógica. Não estava em condições de voltar para casa. Igualmente insuportável era a perspetiva de continuar a remoer memórias. Foi o Mira que me sugeriu a alternativa. Resolvi apanhar uma camioneta que subisse o rio, ou seja, que me levasse de novo um pouco para sul, até Odemira. Tratava-se de uma povoação onde nunca estivera: o lugar adequado para me instalar enquanto urdia os passos seguintes.

Perdi-me em detalhes, que estranha e confusa vais achar esta carta, presumindo que não tenhas ainda abandonado a leitura. Espero sinceramente que leias até ao fim. É verdade que estou a iniciar a quarta folha de papel e não cheguei sequer ao que considerava essencial contar-te no prin-

cípio, mas a distinção entre o essencial e o secundário tem muito que se lhe diga, quantas vezes nos enganamos? Não tenho maneira de esclarecer o que se passou senão relatando os acontecimentos e acreditando que entendas o que eles me provocaram, algo que está muito para lá de uma sequência de factos que eu possa resumir em três linhas.

Chegada a Odemira, não possuía referências pelas quais orientar-me. Entrei num café ao acaso, como uma turista perdida, uma turista perdida não só no espaço mas também no tempo, e quase indiferente à sua própria salvação. Questionado sobre alojamento nas redondezas, o funcionário do café recomendou-me algumas herdades que prometiam conforto e sossego; alongou-se num encómio às rotas de enoturismo; depois, depreendendo que a minha falta de entusiasmo se justificava por limitações do foro económico, informou-me que também havia moradores locais a disponibilizar quartos para estadias de curta duração. A ideia interessou-me, que mais não fosse por permitir efetivamente alguma poupança. Segui as orientações até uma viela próxima e detive-me diante da porta com o número indicado pelo funcionário do café. Tratava-se de uma casa idêntica às outras, de piso térreo, caiada com diligência. Premi a campainha duas vezes, três vezes. Dera já os primeiros passos para me afastar quando a porta se abriu e na ombreira surgiu uma mulher de cabelo grisalho e costas encurvadas, claramente aborrecida pelo incómodo da campainha. Com palavras titubeantes expliquei que procurava um quarto onde pernoitar, que no café, que um engano talvez, e a idosa não me interrompeu, não esboçou reação alguma, limitou-se a manter a expressão circunspecta até eu me calar e então afirmou que sim, tenho um quarto, quantas noites fica? Duas. Foi o número que me ocorreu. Não tardei a arrepender-me: enquanto seguia a minha anfitriã por um corredor penumbroso – o corredor não era longo mas pareceu-me infundável, tão lentos os nossos passos –, calculei que uma noite seria suficiente para me fazer mudar de ideias. Ali estava o quarto, pequeno e atravancado de mobília antiga: uma cama estreita, uma mesa de cabeceira, um guarda-roupa. Embora não tivesse começado a entardecer, era muito escassa a luz que entrava pela única janela, virada para o beco das traseiras; e o candeeiro pendurado no teto, uma vez aceso, não emprestou às superfícies mais que uma cor esquálida. Foi só a modéstia do valor anunciado pela dona da casa que me persuadiu a dizer que sim – isso e o constrangimento de dar a entender que o quarto se apresentava aquém do conforto desejado quando era notório que refletia o esmero possível.

Estava longe de imaginar que, uma semana volvida, o mesmo quarto se teria tornado para mim familiar e precioso. Pois é precisamente no quarto que descrevi em termos tão desoladores que me encontro neste momento. Transformei a mesa de cabeceira em mesa de trabalho; troquei a lâmpada do candeeiro por uma outra mais adequada à leitura e à escrita. Mas tudo isso foi depois. De facto, nenhuma perspetiva de permanência me atravessou o espírito quando a contragosto disse que sim, que ficava com o quarto. Na primeira manhã que aqui acordei, a angústia reteve-me na cama até o sol raiar alto e o quarto ganhar um pouco de luz. A porta estava fechada, claro; das restantes assoalhadas não chegava qualquer som, pelo que eu não tinha como discernir se a minha anfitriã estava em casa.

Embaraçada pelo receio de esbarrar com ela, demorei-me no quarto tanto quanto pude. Ao enfrentar por fim o risco, corri para a casa de banho, lavei-me, vesti-me e de imediato saí para a rua: tão depressa que nem cheguei a descobrir se a minha anfitriã se encontrava por perto. Algo nela me sugeria perigo e hostilidade. A caminhada pela vila, em contraponto, surtiu o efeito de um bálsamo. Era também um alívio mover-me sem o peso dos sacos – dias atrás vira-me no preceito de comprar umas quantas peças de roupa baratas, não se viaja sem bagagem por muito tempo. Ao longo daquele dia palmilhei ruas e vielas, atravessei o rio para uma margem e para a outra, sentei-me sozinha em igrejas. Almocei uma sanduiche no banco público de uma praça, perto de uns velhos que jogavam às cartas. Entrei na biblioteca e acabei a folhear livros de história e de fotografia sobre a região na qual me encontrava.

Quando as distrações se esgotaram, resignei-me a vaguear cabisbaixa por ruas que ainda não pisara, mesmo que me afastassem do centro da povoação. A dada altura ouvi correr água – existiria nas imediações uma fonte ou um chafariz, deduzi – e com curiosidade orientei os meus passos para a origem do som. Dobrando duas ou três esquinas, descobri que não se tratava de uma fonte nem de um chafariz mas sim de um tanque de lavar roupa, um tanque de pedra no quintal atrás de uma casa; e, debruçada sobre o tanque, estava uma mulher a esfregar o que parecia ser uma quantidade considerável de calças, camisas, camisolas. Seria uma mulher estrangeira, a julgar pela tez escura e pelos olhos amendoados; o cabelo preto, muito liso, atara-o ela junto da nuca para não lhe estorvar os movimentos; também com pragmatismo vestia umas calças de ganga e uma blusa de manga curta. Devia andar pelos vinte e poucos anos. Apesar disso, estava visivelmente cansada e não parecia ir senão a meio da empreitada. Foram estas últimas constatações que motivaram o meu gesto. Não, estou a embelezar as minhas motivações: a verdade é que encontrei ali mais um pretexto, e um pretexto bondoso ainda por cima, para protelar o regresso ao quarto detestado.

Um observador fortuito, se o houvesse, teria sem dúvida tomado por altruísta a mulher que interrompeu o passeio para se acercar do quintal e oferecer ajuda, exprimindo-se primeiro em português, depois num inglês trôpego, e que, após ter visto a jovem estrangeira manifestar com gestos enfáticos que não precisava de apoio, avançou para o tanque e começou mesmo a torcer as peças de vestuário molhadas para deixar claro que falava a sério. Ao que a jovem estrangeira não teve alternativa senão sorrir e agradecer, sorrir e reiterar que não, não precisava de ajuda, sem êxito uma vez que a turista benemérita só interrompeu o voluntarismo quando toda a roupa se encontrava torcida e empilhada no alguidar de plástico. Nem assim se deu por satisfeita, pois quis ainda transportar o alguidar a quatro mãos com a jovem estrangeira, valendo a esta que não fosse realmente necessário transportar o alguidar pois tencionava estender as peças de roupa no próprio quintal, usando as cordas que ali existiam para o efeito. Por qualquer razão, a turista coibiu-se de auxiliar nessa incumbência seguinte – pendurar a roupa no estendal pareceu-lhe de súbito uma tarefa íntima, muito mais íntima que torcê-la – e, passado um momento de silêncio, despediu-se com um aceno e afastou-se perante o olhar perplexo da jovem estrangeira que repetiu ainda umas palavras de agradecimento,

primeiro em inglês, depois num português trôpego.

Retomei a caminhada, sim, mas agora em passo estugado e sabendo com clareza aonde me dirigia. Demorei algum tempo a alcançar a casa de onde partira nessa manhã. Mal a minha anfitriã abriu a porta, comuniquei-lhe que pretendia arrendar o quarto por algumas noites mais. Ela encarou-me com desconfiança. Se o quarto estiver livre, acrescentei à cautela. Ela perguntou-me: quantas noites? Algumas, insisti. Ela acabou por assentir como quem dissesse: que não sejam muitas. A sua postura ainda me assustava, mas eu já estava consciente de que não havia motivo para a temer. Lembro-me de pensar então: ela é uma mulher tão enigmática para mim quanto eu devo ser para ela.

Passei o dia seguinte num frenesim contido, num alvoroço que tornava a solidão ao mesmo tempo mais suave e mais difícil de tolerar. Para minha surpresa, estive horas concentrada em leituras na biblioteca. Um ímpeto de outrora levou-me a mergulhar em guias e manuais de química, volumes antigos e bastante manuseados que percorri com interesse. Depois caminhei, caminhei para lá dos limites da vila, avancei ao largo de campos cultivados, contornei armazéns e galinheiros; e, quando voltei à povoação, descobri-me perante – mas fizera de propósito, claro – as mesmas ruas que conhecera na véspera ao entardecer, as mesmas correntezas de casas, as mesmas esquinas. Até o quintal encontrei com facilidade. Porém, desta feita não havia gente. Ninguém lavava roupa no tanque de pedra, até as cordas de secar estavam vazias. Todas as janelas tinham os estores cerrados. Reparei que a casa se apresentava bastante deteriorada, as paredes manchadas, os estores tortos; mesmo o quintal não consistia senão em dez ou quinze metros quadrados de piso arenoso e ervas daninhas, acomodando apenas o tanque de pedra e uns quantos vasos de plantas. Era fácil tomar a casa por abandonada. O que teria acontecido à jovem estrangeira e às pessoas com quem ela residia? Sim, a variedade do vestuário lavado sugeria a existência de outros moradores. Por motivos insondáveis, eu estava preocupada. Mais que preocupada, estava desiludida. Gorara-se a esperança de reencontrar a jovem, de lhe oferecer apoio numa tarefa corriqueira, de trocar com ela umas palavras de circunstância. Nessa noite deitei-me muito cedo, sem sequer comer, e maldisse o som do televisor da sala de estar que me impedia de adormecer.

Não espanta que de manhã estivesse tão abatida. Sentada no banco da praça, que alternativa me restava senão pensar? Dei por mim a lembrar de novo o início da vida adulta, quando trabalhava no laboratório e gostava de traçar e debater planos de investigação com colegas. Um dos colegas eras tu e com certeza recordas-te do meu fervor, eram os anos noventa, estávamos a conhecer-nos e tudo parecia possível, muitas vezes sentias o dever de refrear as minhas ideias, temos de ser realistas, dizias, temos de ser realistas para prevenir deceções futuras. Eu chamava-te modesto sem saber se pretendia com a palavra elogiar-te ou censurar-te, discutíamos com prazer, a nossa complementaridade tranquilizava-nos. Nunca teríamos imaginado – eu nunca teria imaginado – que a vida nos surpreendesse de um modo tão subtil e furtivo. Talvez a confiança, a confiança inabalável da juventude, possa explicar por que me pareceu apropriado que os teus projetos profissionais avan-

cassem antes dos meus: tinha de agarrar as oportunidades, eu podia esperar um pouco, seria uma questão de tempo. Continuei a acreditar nisso, nos benefícios da escolha e do adiamento, mesmo quando já tínhamos duas crianças. A família, claro, mantém-nos o corpo e o espírito ocupados, e não demoramos a intuir que vivemos para ela; mas os miúdos crescem e vão à sua vida; então temos de nos amañhar com o pouco que tivermos conseguido guardar para nós. Guardei o suficiente? Protegi-me? Parece-me um sinal positivo que tenha perdido o medo a estas perguntas. Não significa que tenha perdido o medo às respostas.

Uma persistência sombria – atravessada pelo desejo de fracasso, pois estava certa de que seria esse o desfecho – levou-me a passar, à mesma hora da véspera, no quintal onde havia um tanque de lavar roupa. Eis que a sorte me recompensou. Ali estava a jovem estrangeira a regar os vasos de plantas. Suspendeu a tarefa assim que me viu e não se mostrou admirada quando me acerquei. Atrapalhada pela circunstância – bem vêes a pouca esperança que eu tinha, se nem uma frase preparara de antemão – balbuciei umas perguntas tolas sobre a lavagem da roupa, sobre a rega das plantas, isso em inglês, ela respondeu com semelhante esforço e rimo-nos juntas, creio que ambas ríamos da dificuldade em manter um diálogo tão simples. Quando ela me perguntou se morava perto eu disse-lhe que mais ou menos, que me estabelecera num quarto arrendado há muito pouco tempo, por isso não conhecia ainda ninguém na povoação. Fiquei a saber que também ela se instalou recentemente em Odemira, arrendou aquela casa com o marido e alguns colegas de trabalho, antes moravam na propriedade agrícola onde trabalham, nessa altura só vinham à vila para comprar comida. Em resposta às suas perguntas, contei-lhe que era natural de Lisboa e que conhecia bem outras regiões do país e até outros países. Ela mostrou curiosidade em saber como era Lisboa. A conversa terminou quando um homem tão jovem quanto ela – o seu marido, soube depois – assomou à soleira da porta do quintal. Cumprimentou-me com modos reservados. A minha nova amiga apressou-se a explicar-lhe algo numa língua ininteligível para mim; deve tê-lo informado de que eu a ajudara com a roupa, pois num ápice ele sorriu-me e foi mesmo ele quem me convidou, num inglês desenvolvido, a visitá-los no dia seguinte para uma chávena de chá, com certeza que não incomodava, ele insistia, imaginei aliás que ambos insistissem, embora a rapariga se limitasse agora a sorrir e a acenar com a cabeça encorajadoramente.

Claro que, em qualquer outra circunstância, eu teria encontrado uma forma diplomática de me esquivar. Nunca fui propensa a confraternizar com desconhecidos. Por razões semelhantes, nunca fui propensa a viajar sozinha nem a arrendar quartos em casas particulares. Desde que tenho memória, o conforto para mim é estar entre rostos conhecidos ou em silêncio: o perigo são os estranhos, é a rua, é a novidade. E de súbito ali estava eu a implorar pela atenção dos outros, ancorada à rua, sedenta de novidade. Isso dá-te uma ideia de quanto mudei nestes dias, e sem saber como nem porquê. Sentia que nascia, entre mim e aquela jovem estrangeira, uma amizade. Não conseguia deixar de senti-lo, mesmo tendo noção de que me precipitava, de que aquele pretenso laço era uma

compensação de outros vazios. Tinha a impressão de que existia entre nós as duas uma semelhança, uma afinidade indesignável; a aproximação seria não só positiva mas inevitável. Com relutância coloco no papel a palavra: atração. Mas que atração era aquela? A de uma promessa de companheirismo, talvez? A de um desejo físico? Estou a ser inteiramente franca, de outra maneira não valeria a pena ter-me lançado à tarefa de escrever esta carta. E já percebi que não vou enviar estas folhas de papel, que elas nunca serão lidas pelo meu marido, nem por qualquer outra pessoa. No fundo, não é para mim que escrevo desde o princípio? Recuso-me a ceder mais uma vez à hipocrisia, à omissão seletiva, à mentira. Não estava a carta já repleta de erros e contradições, repleta de embelezamentos? Porque me terei esquecido de mencionar que, durante a estadia solitária em Vila Nova de Milfontes, troquei olhares com um homem numa esplanada e, pela primeira vez em muitos anos, senti-me desejada sem vestígio de medo ou de culpa? Porque me terei esquecido de mencionar que, após deixar o baldio onde estivera a recordar o festival de música, vomitei ajoelhada no chão? Porque terei começado a carta escrevendo meu querido se não estou certa de querer o destinatário? Sempre a cautela, sempre a boa educação. Devo portanto vencer as minhas próprias resistências para descrever – para descrever com essa condição tão elementar mas tão difícil a que chamamos justiça – a amálgama de elementos que me encantou no convite do jovem casal estrangeiro para uma chávena de chá: uma semente de amizade, uma necessidade de companheirismo, um anseio sexual, destrinçar estas coisas talvez não seja o mais importante e nem sempre é possível nos primeiros momentos que partilhamos com alguém.

Se algo muda no nosso interior, logo o mundo exterior se agita também, reclama a nossa atenção. No dia seguinte acordei tarde e estava ainda a preparar-me para sair quando a minha anfitriã me perguntou se queria almoçar com ela, havia comida de sobra. Sentei-me na cozinha e com rara naturalidade ouvi-me a colocar perguntas, quis saber se ela era natural de Odemira, se morava sozinha há muito tempo. Que não, era natural de outra parte do Alentejo, mas viera para Odemira muito jovem ao casar. Que sim, morava sozinha desde o falecimento do marido e o seu único filho vivia no estrangeiro, emigrara em busca de uma vida melhor mas vinha visitar a mãe quando podia, por isso o quarto que eu ocupava só era arrendado por períodos curtos, era o quarto do filho e tinha de estar livre para o filho sempre ele chegasse, às vezes com poucos dias de aviso e acompanhado da sua própria esposa e filhos. Deve ser duro passar o inverno aqui sozinha, disse eu, e ela retorquiu que a solidão era mais difícil de suportar no verão, embora não tenha detalhado porquê. Acrescentou que até há pouco tempo contara com o apoio dos cunhados, que tinham residido toda a vida na casa ao lado. Porque perdera ela o apoio dos cunhados, perguntei. Contou-me que primeiro tinha ido o cunhado, enforcado com um cinto numa trave do teto; e, duas semanas mais tarde, tinha ido a cunhada da mesma maneira. Enquanto eu a encarava muda e arrependida de ter levado a averiguação tão longe, ela adiantou que não, ela própria nunca pensara fazer uma coisa dessas, nem ela nem o marido, o pobre morrera de cancro, caso contrário teriam vivido juntos até não poder mais, quem sabe até aos

cem anos de idade.

Parece-me importante deixar tudo isto registado, mesmo sabendo que ninguém o lerá. Quero anotar a história da minha anfitriã, assim como quero anotar o entusiasmo e a curiosidade que transportei comigo pelas ruas da vila ao entardecer, receando ainda que o meu aparecimento fosse tomado por indelicado. O receio não tinha afinal razão de ser. Lá estavam eles no quintal, o casal jovem e outros três colegas com quem residiam. Percebi que a minha jovem amiga era a única mulher entre homens. Parecia feliz quando me ofereceu chá e depois um pastel de vegetais picante, que ela me explicou ter sido confeccionado segundo uma receita tradicional do Nepal. A noite não estava demasiado fresca e trouxeram de algum lado cadeiras de plástico para nos sentarmos no exterior. Percebi que a minha jovem amiga e o marido tinham emigrado em momentos distintos, ele estivera antes noutros países da Europa. Da sua chegada contaram-me pouco, preferiram falar da terra de origem, uma cidade chamada Pokhara, e da sorte que têm por trabalhar todo o ano, muitos dos seus compatriotas só têm trabalho na época alta da framboesa. Embora aguardem ainda os documentos oficiais, esboçam planos para ficar, tencionam cair as paredes da casa arrendada e ampliar a horta que estão a fazer nascer em vasos, já plantaram tomate, espinafre, alface. Ponderam mudar-se um dia para Lisboa, na esperança de outros empregos e de uma universidade onde prosseguir estudos. Se não tivessem emigrado, disseram-me, já teriam provavelmente vários filhos; e não consegui decifrar se estavam satisfeitos ou insatisfeitos com a sua situação nesse quadrante. Tão abismada fiquei com a confiança por eles demonstrada que, após despedir-me, caminhei de volta ao meu quarto com a pulsação acelerada. Reconheci a sensação de palmilhar as ruas com o futuro pela frente, essa sensação que noutros tempos nos acompanhava a toda a hora, de tal maneira que não dávamos por ela.

Muito cedo desisti do futuro. Eis o que nunca disse nem ao meu marido, nem às amigas mais próximas, nem a mim mesma. Fui ingénuas, é certo, mas quem poderá declarar o contrário ao examinar o seu percurso? Não me faltou obstinação no início: quis estudar química, quis aprender tudo o que houvesse a aprender; e, mesmo depois de protelar as candidaturas e as oportunidades no estrangeiro porque estava grávida ou porque os filhos eram pequenos, não deixei de trabalhar, ensinei matemática em escolas, dei explicações. Um dos meus filhos perguntou-me uma vez se eu me considerava boa professora. Respondi-lhe que essa questão não me preocupava minimamente. Fiquei admirada com a minha própria resposta, que tinha sido espontânea e sincera. Já sabia de facto que não adiaras as minhas aspirações profissionais: renunciara a elas. Se isso se deveu sobretudo à pressa do meu marido para constituir família, é assombroso que, no caso dele, não tenha existido qualquer conflito ou incompatibilidade enquanto ia subindo na carreira; e, se o seu rendimento bastava já para nos sustentar, que motivo teria eu para me recusar a acompanhá-lo quando recebeu convites de outros países? Embora todo o caminho fosse racional e sustentado, eu sabia que esse caminho representava, para mim, desistir do futuro. Abominava tudo o que ele esperava de mim enquanto esposa e mãe, ele e todos ao nosso redor, a família dele e a minha também, o que esperavam e o que efeti-

vamente conseguiram, o meu sacrifício, a minha diminuição. Seria melhor que eu tivesse claudicado, que eu tivesse gritado que não aguento, não aceito, não quero. Seria melhor que mais cedo, muito mais cedo, eu tivesse saído porta fora por causa de uma querela sem importância. Nunca me queixei com suficiente veemência, nunca me zanguei de forma consequente, tolhida pela velha ideia de que a zanga não é própria de pessoas inteligentes, de que o sentimento de revolta é sinal de fraqueza; de que a pessoa sábia e lúcida, pelo contrário, demonstra comedimento, debate ideias com serenidade, relativiza as suas dores. Ah, sim, então eu fui sem dúvida a epítome da sabedoria e da lucidez! Sabia também que, se decidisse lutar, teria diante de mim uma tarefa hercúlea: precisaríamos de mudar muito para encontrar um modo de viver que me servisse, precisaríamos de ser aquilo a que ele, o marido de carreira admirável, chamava com desdém revolucionários. Quem me dera ter nascido com tantas certezas quanto ele, com tantas certezas e com condições tão propícias para as impor. Os seus sonhos de rapaz, o seu ideal de família, a convicção de que a sua perspetiva é razoável e todas as outras excêntricas, os argumentos sólidos aos quais a voz grave confere uma camada suplementar de maturidade. Estou segura de que essas características são apreciadas como grandes virtudes pela outra mulher a quem ele se tem dedicado nos últimos anos. Não vale a pena negar a mágoa que senti ao descobri-lo. Depois da mágoa, no entanto, encontrei na descoberta um certo alívio, um alívio que se parece com pena – pena de mim, de nós, dele até. Pois não há dúvida de que, apesar dos nossos diferentes pontos de partida, todos fazemos o melhor que conseguimos, todos queremos salvar-nos, todos ambicionamos vencer e nunca vencemos. Procurando a origem dos meus males, retrocedo até momentos distantes, até aos festivais de música no verão, até ao último dia do último festival quando ele me propôs que ficássemos mais uns dias e eu respondi porque não? Foi sempre assim entre nós. Ele propõe, avança, conduz. Eu aceito, acompanho, consinto – ou fujo. Aqueles nossos dias em Milfontes foram a última ocasião em que me senti feliz, sim, a última ocasião em que me senti livre e jovem, mas foram também uma outra coisa: o momento em que comecei a calar-me, o momento em que comecei a desistir do futuro. Os dedos tremem-me ao escrever isto. Há um ponto em que se torna impossível fingir. As coisas que sentimos crescem em silêncio, crescem dentro de nós mas crescem também fora de nós, erguem-se à nossa volta como muralhas. Impedem-nos de alcançar os outros, assim como impedem os outros de nos alcançar. Protegem-nos tanto quanto nos isolam.

Não tenho feito, nestes dias, outra coisa senão derrubar muralhas. A minha anfitriã começa a acostumar-se a mim. De vez em quando alude ao filho, relembra que ele é capaz de telefonar um dia a avisar que vem visitá-la – não precisa de acrescentar que, em tal eventualidade, espera ter o quarto livre. Mas entretanto vai-me dizendo que fique, que use a sala, que guarde comida no frigorífico. Sem dúvida convém-lhe o dinheiro, por pouco que seja; e eu gosto de pensar que a minha presença atenua a sua solidão. Ajudo-a em pequenas tarefas, cozinho para ambas, ela conta-me histórias da região. Contou-me que, em tempos idos, a fadista mais célebre adquiriu uma propriedade perto daqui, no cimo de uma falésia, com uma vista deslumbrante para o mar, e que nesse local quis criar

um jardim. Embora a tivessem alertado de que o projeto seria inviável devido ao solo pedregoso e ao vento salgado, a fadista teimava no seu jardim: plantou renques e renques de árvores, plantou flores e arbustos, e a natureza tratou de lhes cercear o desenvolvimento como se previa. Segundo a minha anfitriã, o jardim da fadista ainda existe. Pequeno, periclitante, desaconselhado, mas ainda está lá no cimo da falésia. Partilhei esta história com a minha amiga nepalesa umas horas mais tarde, enquanto lavávamos roupa no tanque. Não sei se é uma história sobre a vaidade, se é uma história sobre a perseverança ou sobre a reconciliação com elementos maiores e mais fortes que nós. À minha jovem interlocutora deu vontade de rir. Disse-me que aqui o clima é muito mais amável que no seu país de origem, até uma horta medra em vasos no quintal, tudo cresce e por isso é fácil ter esperança. Esperança nas pequenas promessas do futuro, deparei. E escondi a minha própria apreensão relativamente ao futuro dela. Quer partir para Lisboa assim que chegarem os documentos oficiais, mas o que encontrará na cidade além de empregos mal pagos e novas dívidas? Disso não falámos, claro, apenas combinámos que um dia iríamos procurar o jardim da fadista.

Ontem, sozinha, empreendi uma longa deambulação pelo campo. Soprava uma brisa revigorante, no céu pairavam fiapos de nuvens. Demorei-me entre sobreiros e oliveiras; descí ladeiras, venci cômoros; ao fundo do horizonte vislumbrei umas linhas alvas nas quais julguei discernir as estufas descritas pela rapariga, túneis gigantescos onde ela e tantos outros batalham contra o cansaço e o calor. No meu íntimo desejei que ela resistisse, que ela se aventurasse – e, sobretudo, que nunca se perdesse de si mesma. Que não abdicasse em favor de ninguém, nem sequer dos filhos. É uma ideia brutal? Talvez. Mas o mundo castiga a docilidade e está por descobrir um modo pacífico de salvaguardar as nossas vontades.

Queria ainda dizer-te: também tu tens muito futuro pela frente. Sim, resolvi afinal enviar-te esta carta. E acredito que vais a tempo de reconstituir a tua vida, de chegar ao topo da carreira, de concretizar os teus sonhos de rapaz. A mulher de quem gostas é jovem, quem sabe se não poderás erigir com ela a família que idealizaste. De um modo ou de outro, vais a tempo. E eu talvez ainda possa fazer a revolução.

Enviarei esta carta assim como está, nada corrigirei. Devíamos fazê-lo mais vezes: dizer tudo, o bonito e o feio, dizer tudo sem hesitar, sem apagar, sem suavizar. Se tiveres lido até aqui – é improvável mas pode ter acontecido – talvez estejas convencido a fazer o mesmo, a escrever-me sem temer as consequências. O silêncio também será, como sempre, resposta bastante. Entras no envelope a morada do meu quarto arrendado. Por quanto tempo mantereis este pouso, não sei. Até o filho da minha anfitriã chegar? Até a jovem estrangeira partir? Até ao próximo festival de música? Até eu completar os cinquenta anos de vida? Veremos o que o futuro traz na manga. Sei pelo menos, e já sem qualquer dúvida, que esta mulher que te escreve sou eu.

Mariana

# A minha avó Sol

Margarida Costa Faro

Era uma vez ...

Todas as histórias e contos de fadas, príncipes e princesas e animais que falam começam assim. Esta que vou contar não tem varinhas mágicas nem bichos falantes ou personagens poderosas. É a história verídica de uma mulher real chamada Soledade Rebelo, a minha avó Sol.

Era uma vez....

Uma aldeia do distrito de Viseu, não longe da sede de concelho, Castendo, mas, ao mesmo tempo, muito distante, porque, para se chegar à aldeia, os caminhos de terra batida, atravessando os campos de cultivo, eram difíceis de percorrer e pareciam não ter fim. Normalmente, faziam-se a pé, porque não havia transportes. No século dezanove, quando esta história se começa a desenrolar, a vida era muito difícil, tudo era custoso e pouco acessível.

Fundo de Vila, assim se chamava a aldeia, era muito aprazível. Situava-se numa zona agrícola de árvores de fruto, de campos de trigo, centeio, cevada e milho cultivados com recurso a juntas de bois e burros; e de pinhais, de onde se tirava algum rendimento com a resina e com a venda da madeira, de tempos a tempos; de vinhas, que produziam bom vinho.

Maria e Vicente Rebelo viviam lá, filhos de famílias que tinham pequenas leiras de terreno, de onde tiravam o necessário para não passarem fome. Os dois enamoraram-se na idade própria e, algum tempo depois, casaram, porque gostavam um do outro e também porque, assim, os terrenos, base do sustento das duas famílias, se uniam.

O jovem casal vivia com relativo desafogo. Maria cuidava dos filhos, da casa e ajudava Vicente no amanho da terra. Ele, além de lavrador, também negociava gado nas feiras das redondezas, onde se deslocava com burros, bois e vacas para vender. Os filhos João e José trabalhavam com o pai, ajudavam-no a cultivar a terra e a levar o gado para as feiras e a trazer de volta a casa o que não fora vendido.

Uns anos depois, em 21 de outubro de 1888, nasceu Soledade, assim batizada por via do nome da avó, mulher desembaraçada e alegre. Soledade foi muito bem-vinda e desejada, porque uma menina seria uma lufada fresca e diferente no meio de dois filhos homens. Mais tarde, pensavam os pais, Soledade seria também mais uma ajuda para eles.

Logo em pequena, espalhava alegria, fazia amigos entre as crianças da aldeia, planeava, com imaginação, brincadeiras novas e parecia querer abarcar o mundo. Subia às árvores, corria e saltava, fazia pequenas visitas a casa das amigas da sua idade. Brincava na rua, jogava no terreiro, à bola ou ao arco com os rapazes da sua idade.

As bonecas de trapos feitas pela mãe eram a sua brincadeira preferida. Vestia as três bonecas, Sissi, Nini e Bibi, com tiras de tecido dos restos da costura da mãe, deitava-as numa cama de madeira construída pelos irmãos, criava diálogos em que ela fazia a pergunta e dava a resposta. Simulava cozinhados com as plantas e flores que apanhava por lá. Era uma criança feliz, muito amada e estimada, num tempo sem cuidado regido pela inocência da meninice. A pequena parecia irradiar luz e felicidade. A mãe chamava-lhe, por isso, Sol.

Com nove ou dez anos, muito estimulada, ia aprendendo com os pais: a cozinhar, a cuidar dos outros e a costurar, com a mãe; a plantar legumes, a schar e regar a horta, o milho e as batatas, com o pai. Apercebia-se, porém, das dificuldades da sua família, apesar da relativa abundância: o pai conseguia mais algum rendimento com a venda dos animais, dos campos saíam os bens necessários à alimentação e ao sustento de todos, e os cereais e feno para os animais.

A pequena Sol cresceu. Era, agora, uma jovem alta, morena, desenvolta, alegre, decidida, bem-disposta e muito prática. Para os pais e irmãos, ela era um sol nas suas vidas rotineiras e cinzentas: ria, conquistava vizinhos e outras pessoas com a sua boa disposição permanente, pensava o mundo em que nascera e crescia: um mundo pautado pela lonjura, pela miséria, pelos homens que tudo dominavam. Sol sonhava com mudanças que tornassem a vida mais brilhante. Mas como?

Os irmãos davam-lhe acesso a um conhecimento que parecia pertencer só ao mundo masculino, mas que ela apreendia com eles: ouvia-lhes os desabaços, escutava-os a falar dos outros rapazes e das raparigas da sua idade, dos homens mais velhos e suas crenças e da visão masculina sobre as coisas. Por vezes, expressava a sua perplexidade pelo que lhe era relatado. E pensava na mudança que achava necessária: na mentalidade das pessoas, na maneira de viver a vida. Não somos todos iguais? Não somos todos, homens e mulheres, seres humanos? E o seu espanto continuava.

Tinha, com João e José, uma intimidade de irmãos pouco comum. Eram confidentes uns dos outros, os três partilhavam uma ideia de igualdade entre mulheres e homens que, achavam eles, poderia mudar o mundo e fazê-lo crescer. Até mesmo o seu pequeno universo, tão limitado pela distância e pelo pouco acesso a bens mais modernos.

Era uma vez ...

Sol continuava a olhar o que a rodeava, a achar que tinha dificuldade em caber naquela sociedade pouco esclarecida, onde ela nunca teria um lugar preponderante nem igual ao dos homens, onde estava pré-estabelecido que as mulheres seriam sempre seres menores.

Além destas preocupações sobre igualdade e organização de um mundo partilhado,

Sol tomava as dores dos irmãos que trabalhavam para o pai, mas que não lhes pagava nem dava qualquer recompensa, assumindo que os filhos viviam lá em casa, tinham comida à disposição e obrigação de contribuir para a economia familiar e, portanto, não precisavam de receber dinheiro. Esta filosofia de vida era muito favorável a Vicente: usava os braços fortes dos filhos nas terras e nas feiras, mas não os compensava. Sol falou com o pai que fez ouvidos moucos e utilizou a argumentação já conhecida.

“Sol, preciso de algum dinheiro!”, segredavam-lhe os irmãos.

“Pede ao pai, tu trabalhas para ele!”

“Ele não quer saber! Vou ter de arranjar outro modo de vida,” diziam.

Sol ficava a pensar na injustiça que João e José sofriam na pele e na maneira de os ajudar. O que podia ela fazer?

Sol interrogava-se sobre o que uma mulher podia fazer de diferente para ser vista como igual a todos os homens. O que fazer para ser aceite pelos pais, pelos amigos, pelos vizinhos. Estes, de quando em vez, olhavam-na de soslaio e não compreendiam a sua maneira de pensar. Mulheres e homens iguais? Nunca tal se ouvira, não percebiam! Os homens tinham tido sempre um papel dominante na vida de todos, em Fundo de Vila, em Castendo, no país, em todo o lado.

Soledade, por estes dias, andava preocupada, pensativa. Alheada das tarefas do dia a dia. Queria ser dona e senhora de si, queria ganhar o seu dinheiro, ter a sua independência e poder ajudar os irmãos. Pensou nas poucas hipóteses de emprego que lhe pareciam possíveis: costureira ou criada de servir.

Não, não podia ser: Castendo já tinha muitas costureiras, que faziam vestidos por medida, uma vez ou duas vezes por ano, apenas para as senhoras com mais posses e não eram muitas. Nas famílias comuns, as mães e mulheres mais velhas atamancavam, como se dizia, as vestimentas dos membros da família: saias, aventais, blusas, calças e camisas.

Também não havia muitas casas com criadas e as poucas raparigas que trabalhavam a servir não ganhavam quase nada. Era uma vila pobre. Hipóteses de emprego nulas, as soluções eram poucas, portanto.

Não desistiu. Continuou a olhar à volta do seu círculo. Sempre que ia à feira semanal, dava uma volta pelo terreiro e observava quem vendia mais, quais as barracas com mais fregueses, quais os produtos mais procurados. Falava com os vendedores, fazia perguntas aparentemente inocentes. Prospecção de mercado, dir-se-ia hoje.

Numa manhã de primavera, num dia de mercado, viu muitas mulheres à espera do pão fresco que era trazido das aldeias circundantes. Observou a mesma dificuldade em diferentes dias, em semanas seguidas. Era difícil obter pão fresco? E se ela fizesse pão?

Pensou, amadureceu a ideia e decidiu-se. Organizou-se com algum dinheiro que pedira emprestado ao pai e, para surpresa de todos, montou um negócio dela: na masseira da mãe, herdada

da avó, amassava farinha de trigo, centeio e de milho, tendia os pães e as broas, cozia-os num pequeno forno no pátio da casa dos pais, quase um forno comunitário, pois era também utilizado pela população da aldeia. Depois, de canastra à cabeça, ia vender o pão fresco pelas aldeias das redondezas: de Castendo a Germil, passando por Sangemil, Lizei e Trancozelos, os caminhos de terra e lama tornaram-se-lhe familiares. As pessoas gostavam do seu pão e vendia cada vez mais. O negócio, titubeante a princípio, começou, a curto prazo, a dar lucro.

O contacto com os fregueses dava-lhe uma sabedoria infinita: todos eram diferentes, mulheres, homens e mais jovens, a todos tinha de falar de determinada maneira, cada pessoa tinha o seu problema que exigia cuidado especial. Sol atendia a todos fazendo com que cada um se sentisse único.

Com o seu novo modo de vida, também ajudava os irmãos, conhecia pessoas e, sobretudo, conversava com elas. Sentia-se realizada, pela sua energia e porque os pais e familiares estavam orgulhosos do seu sucesso. Parecia talhada para aquele negócio: para ser vendedora, para ouvir e responder na medida certa.

Era uma vez ...

Soledade tinha, por esta altura, 20 anos. Já se tinha imposto como padeira — que a palavra empresária era não usada comumente, nessa altura — como mulher de ideias, de carácter. Era respeitada por todos e todos queriam ouvir a sua opinião.

Belarmino reparou em Soledade, pela primeira vez, numa tarde em que ela foi à água, ao chafariz da aldeia, e ele estava lá a dar de beber a uma junta de bois, no bebedouro dos animais. Ela e ele olharam-se.

Semanas depois, na festa anual da vila, ele chegou-se à beira do grupo de raparigas com quem Sol se divertia. E começaram a falar timidamente, com muita parcimónia. Ele pediu-lhe para dançar uma moda no baile. E dançaram. Ela gostou de sentir a mão dele nas suas costas, gostou de se deixar levar pelo abraço apertado que a fazia rodopiar, ao som dos tocadores da festa. À primeira, outras danças se seguiram.

Meses depois, Sol recebe uma carta a pedir-lhe namoro: que gostava muito dela, que ela não lhe saía de cabeça, que a queria namorar, que as suas intenções eram as melhores e as mais sérias, as famílias haviam de gostar. E que iria falar com pai o dela, se Sol estivesse de acordo. Que sim, respondeu ela. Ele foi e Soledade anuiu ao namoro.

Belarmino era dois anos mais velho. Um rapagão alto, trabalhador, bom rapaz, mas muito diferente de Sol: muito acomodado às circunstâncias pobres da vida, não tinha modos delicados, não usava as palavras com precisão, não sabia ouvir os outros.

Tinha de seu a junta de bois com que fazia trabalhos agrícolas para os lavradores mais abastados de todas as aldeias em redor: lavrava os campos com charrua, que rasga mais profun-

damente a terra e com arado, e fazia carretos das uvas, da azeitona e da lenha cortada nas matas, conforme a época.

Sol tentava que ele se aproximasse dela, da sua maneira de ser. Admitia, de si para si, que, depois de casarem, ele se modificaria; o contacto mais frequente com ela, com Maria, Vicente e os irmãos haveria de lhe limar as atitudes.

Dois anos mais tarde, o casamento foi marcado. Ambos começaram a preparar um enxoval parco e uma cerimónia modesta, a pensar nos convidados e, sobretudo, a procurar uma casa onde pudessem começar nova vida. Soledade mostrava-se satisfeita, mas receosa: e se as suas vistas se estreitassem? E se Belarmino fosse como os outros homens?

Um dia, já com a boda à vista, Soledade e Belarmino discutiram: ela queria ir a um baile com os irmãos, queria divertir-se; ele não queria que ela fosse e queria proibi-la de ir. Ambos fizeram finca-pé, ambos mantiveram as suas opiniões.

“Não, não me proíbes! Não me podes proibir! Eu sou dona de mim, vou com os meus irmãos, nada me pode acontecer!”

“Não, não vais, eu não deixo! Livra-te!”

“Vou, sim! Vem também! Se tu podes ir à taberna ou a uma festa sozinho, por que razão eu não posso ir com os meus irmãos? Em que és mais que eu? Não és meu dono!”

A discussão foi feia. A primeira de um namoro longo. De repente, ele levanta a mão para lhe bater. Não conseguiu fazê-lo, porque, ágil, de músculos fortalecidos pelos alqueires de farinha amassados, Soledade agarrou-lhe o braço no ar.

“Não me bates, nem hoje nem nunca! Nem tu nem nenhum homem! E não há casamento!”

E, de braço dado com os irmãos, um de cada lado, abalou para o baile, deixando Belarmino atónito, não acreditando no que acabara de acontecer. Se os outros homens batiam e subjugavam as mulheres... “Sol é diferente, não é como as outras”, pensou, ainda na esperança de que ela o perdoasse e se casassem, como estava planeado.

Era uma vez ...

Este episódio perturbou Sol profundamente e levou-a a questionar-se a si e à vida em Fundo de Vila. Continuou a querer outras coisas. Mas que fazer se o isolamento parecia ser a lei?

As sextas-feiras eram muito importantes para as gentes daquela vila isolada do país e das aldeias circundantes: o dia de mercado na sede de concelho era vital. Ali, faziam-se as compras imprescindíveis para a semana: compravam-se ainda vacas, porcos e galinhas; alfaias, pratos ou panelas; tecido para uma saia, para uma camisa, para lençóis ou para deitar uns fundilhos. Enverga-

vam-se os melhores fatos nesse dia. Amigos, familiares e conhecidos encontravam-se, punham a conversa em dia, planeavam visitas, sabiam uns dos outros. E trocavam impressões sobre as famílias, sobre a vida difícil.

Um dia, no mercado, em conversa com uma freguesa, Sol soube que os Estados Unidos da América tinham aberto quotas para admitirem trabalhadores portugueses, uma vez que os imigrantes italianos não eram suficientes para as obras em curso. O país atravessava um período de grande expansão e desenvolvimento e havia enorme escassez de mão obra. A industrialização exigia a construção de fábricas, de linhas férreas para transporte de pessoas e mercadorias, do metro, de estradas, de esgotos, de pontes e dos primeiros arranha-céus no nordeste dos Estados Unidos.

Sol foi à Câmara Municipal e viu uma bicha enorme de homens candidatos à emigração. Não perceberam o que fazia uma mulher no fim da fila. “Nós queremos ir embora de Portuga, o que faz ela aqui?”, interrogaram-se alguns. Decidida, fez perguntas e pediu ajuda para preencher a ficha de inscrição. Sim, queria ir para os Estados Unidos. Lá iniciaria uma nova vida, não seria fácil, ela sabia, mas precisava de mudança, de novos desafios e oportunidades.

Meses mais tarde, embarcou, sozinha, num navio para os EUA. Para o desconhecido. Francisco, rapaz que tinha encontrado na Câmara aquando da inscrição, era o único companheiro de viagem conhecido.

Subiu a bordo para logo descer para a sua cabine, abaixo do nível do mar, mais escura que as demais, com um cheiro bafiento e um barulho surdo dos motores. Não pensava no desconforto da viagem, só no futuro. Ansiava que a viagem passasse depressa e queria chegar ao destino. O que seria dela? E da sua nova vida? Sobreviveria?

Seguiam naquele navio duzentos e quarenta e três portugueses emigrantes, que partiam à procura de dias melhores, todos com um perfil comum: pouca ou nenhuma escolar idade, trabalhadores indiferenciados da agricultura, oriundos da Beira Alta e viajantes de terceira classe. Levavam um destino territorial certo, mas muito incerto relativamente a quase tudo: trabalho, saúde, dinheiro. Numa palavra, o futuro.

Sol encaixava neste perfil de emigrantes, mas o facto de ser uma mulher sozinha a viajar e ter uma visão diferente do mundo distinguia-a dos demais.

Sozinha naquele navio que lhe parecia tão grande, na primeira noite, não saiu da cabine que lhe tinha sido destinada. Deitada a olhar o teto, chorou: com receio do que iria encontrar, com saudades dos pais, dos irmãos, dos vizinhos, de amassar pão. E pensou na vida: nascera de uma família não muito abastada, mas trabalhadora, respeitada e honesta. Ela queria uma vida digna, mais desafogada, queria conhecer outras realidades, ser independente.

Adormeceu tarde, acordou cedo. Sentiu-se um pouco nauseada, tomou o pequeno-almoço no refeitório da terceira classe. Depois, esgueirou-se e deu uma volta pelo navio, que queria conhecer melhor. Queria ver de perto as pessoas como ela e as mais ricas que viajavam em primeira e segunda

classes, nos camarotes e apartamentos de luxo, acima do nível do mar e de onde podiam ver o céu. Não havia misturas de níveis sociais no navio, ela sabia, e verificou que os mais ricos, os que não tinham a viagem paga pelo governo americano, tinham acesso a outras diversões e a mais luxos.

Gostou sobretudo da praça das máquinas, o coração do paquete: muitas luzes, aparelhos grandes, uns, outros mais pequenos, sempre gente por perto. Uma, duas, três ... seis caldeiras, contou ela. Um certo ar de mistério e importância: não era permitida a entrada a não ser aos tripulantes.

Depois, a casa do leme: o comandante, achava ela, devia ser um senhor, vestido a rigor, com uma farda branca e impecavelmente lisa, sem um vinco, e que não tirava as mãos do leme e os olhos do mar e dos papéis. Qual criança, Soledade quase colava a cara ao vidro! E sonhava como as crianças: "se eu pudesse, se fosse eu ..."

Para matar o tempo, Soledade passou a ir lá espreitar, através do vidro, várias vezes ao dia, muito tempo de cada vez, e ficava embasbacada perante cada luzinha vermelha que piscava, ou verde que se acendia e ficava acesa, a avisar que estava tudo bem em determinado setor.

Entretanto, Sol e Francisco, sentados na mesma mesa do refeitório, começaram a estar algum tempo juntos e recordavam a vida que tinham deixado, as respetivas famílias, e, sobretudo, interrogavam-se sobre o que iriam encontrar, sobre o futuro.

Passados dois dias, a aproximação ao Funchal trouxe excitação aos passageiros que podiam deixar o navio e passear durante umas horas pela cidade. Soledade acompanhou a atracagem e, com Francisco, cada vez mais amigo, visitou a baixa da cidade numa visita muito curta, que deu para desanuviar e respirar, mais tranquilamente, o ar de terra.

Depois de semanas a navegar, chegaram aos Estados Unidos. A autoridade da imigração esperava-os para os legalizar, para lhes dar algum dinheiro de bolso e os encaminhar para as zonas pré-definidas. Sol e Francisco foram colocados na zona de Massachussets: ele começou por trabalhar na construção de uma estrada; ela numa fábrica de tecidos, onde fazia um trabalho repetitivo durante muitas horas, seis dias por semana.

Apesar de penosa, Sol adaptou-se facilmente à nova vida. Não se lamuriava, porque aquela tinha sido a sua escolha. E esperava que novos mundos se abrissem à sua frente para ela os agarrar.

De tanto observar e querer saber, curiosa como sempre, percebeu a dificuldade que os imigrantes, sem apoio familiar, tinham em fazer o almoço e aquecê-lo. Dezenas de ideias inovadoras começaram a fervilhar na sua cabeça de mulher empreendedora. Conseguiu, então, delinear e pôr de pé um negócio que, uma vez mais, lhe dava autonomia e independência: os operários das obras e das fábricas entregavam-lhe, na manhã do dia de trabalho, a carne, o peixe, massa, ou legumes, o que quisessem e Sol preparava-lhes a refeição que eles comeriam quente e apaladada, à hora de almoço.

Sol e Francisco eram o apoio e a companhia um do outro naquele país longínquo e

hostil: uma língua nova, costumes diferentes, comida esquisita. Tudo era novidade. Porém, juntos conseguiam amaciar as dificuldades da nova vida, naquela lonjura americana, mas promissora.

Francisco era alto e bonito. Habilidade, respeitador, gentil, ingénuo, bondoso, com o coração do tamanho do seu corpo. Inteligente, fugia à norma, porque sabia ler e escrever e, em breve, dominaria o inglês.

Apaixonarem-se foi fácil e rápido. O carácter de Francisco encantou-a desde logo; a alegria e retidão de Sol atraíram-no. O apoio mútuo, as horas vagas que passavam juntos, as saudades de casa e dos familiares foram o rastilho para um amor sólido, verdadeiro e muito cúmplice. Em pouco tempo, os dois começaram a viver numa casa pequena, à medida das suas vidas, sem se casarem.

O primeiro filho nasceu três anos mais tarde, de Sol, mãe solteira, que lidava com essa situação com normalidade: uma ida à igreja ou ao registo civil haveria de acontecer, com o desenrolar do tempo, uns anos mais tarde. Todavia, por ora, tinham de cimentar a vida diária a dois, os novos empregos. Todos os dias lidavam com situações banais, mas desconhecidas por não dominarem os hábitos quotidianos dos americanos.

Casimiro, o bebé que chegou, foi cuidado com muito amor e desvelo pelo pai e pela mãe. Ambos cuidavam do petiz, e, atentos, observavam os seus êxitos na escola e a sua formação.

Durante os dez anos seguintes, Sol não conseguiu engravidar de novo. Confiando na ciência, recorreram a especialistas e punham o problema: queremos mais um filho, mas os médicos não tinham resposta, a ciência ainda não conhecia as técnicas modernas da inseminação. Dez anos mais tarde, inesperadamente, chegou a menina que Sol e Francisco tanto desejavam: Assunção que recebeu o mesmo amor e cuidado do mano Casimiro.

Os negócios atravessaram uma fase muito florescente: além das refeições, Sol tinha um café. Parecia feita para o negócio: era uma mulher agradável, atenciosa, sempre disponível para ajudar; por isso os fregueses eram muitos. Sol tirava um bom rendimento do negócio; Francisco não ganhava mal. O trabalho de ambos permitia-lhes amealhar e construir uma casa em Portugal.

Mas a vida de Sol e Francisco e a de todos os americanos e imigrantes enfrentou, então, uma fase mais tumultuosa. A Lei Seca dificultava a vida económica: era proibido vender bebidas alcoólicas e o negócio do café, naturalmente, sofria sérios revezes.

Um dia, o café foi visitado por uma equipa de inspetores. Não, não vendia álcool, cumpria a lei, assegurava Sol. E nada foi encontrado nas prateleiras. De repente, a bebé Assunção, deitada num berço num canto sossegado do balcão, acorda, palpa e esperneia, deixando a descoberto duas garrafas de aguardente. E Sol pagou uma multa pesada como determinava a lei.

Parecia que as rosas da vida americana se tinham transformados em espinhos. Logo a seguir, a Grande Depressão, crise económica severa que assolou os Estados Unidos, deixou Sol e Francisco desesperados. Francisco ainda conseguiu trabalho numa quinta de um médico que o protegeu. Sol não conseguia vender, porque os americanos e os imigrantes não tinham dinheiro nem para

comer. Estas duas tragédias americanas apressaram o regresso deles a Portugal, onde já tinham construído a sua casa.

Era uma vez...

Em Portugal, o filho, menino inteligente, acabou de crescer e concluiu os estudos. Candidatou-se a um lugar na Câmara de Castendo, mas foi preterido, porque Francisco, dono de valores e ideais de liberdade, tinha assinado uma lista da oposição.

“Casimiro, tens muitos estudos que são ferramentas importantes, tu vais conseguir um emprego ainda melhor! Não desanimes!”, dizia-lhe a mãe perante a injustiça que o filho tinha sofrido. E, uns meses mais tarde, o rapaz conseguiu uma boa posição, numa cidade perto, com um melhor salário.

A filha Assunção cresceu sempre bem cuidada, enfeitada com laços e trancinhas. Boa menina, era o ai-jesus dos pais. Na escola, foi boa aluna, muito aplicada, sugava os ensinamentos da mestra, mostrando muita curiosidade pelas letras.

Acabado o ensino básico, foi interna para o colégio mais próximo, a uma dúzia de quilómetros de casa. Os pais levaram-na de carroça e era de carroça que eles a visitavam de quinze em quinze dias. Levavam-lhe bolos, figos secos, miolo de noz, fruta da época e uma ou outra uma peça de roupa que Sol costurara. Os mimos de casa de que Assunção sentia falta. Trocavam beijos e abraços. Às vezes, almoçavam e conversavam longamente. Depois, Sol falava com a diretora, de quem era amiga, para se certificar se tudo estava bem com a pequena. À tarde, o caminho de volta, com o coração mais apaziguado.

Na hora de prosseguir estudos, Assunção tinha de estudar, apesar das dificuldades que Sol e Francisco enfrentavam naquela terra, que continuava pobre, sem horizontes.

“A Assunção tem de continuar os estudos, tem de tirar um curso, no futuro, não pode depender de nenhum homem.”

“Mas nós não podemos!”

“Francisco, a nossa filha tem de ter um curso, tem de ser independente!”

A filha tirou um curso e, já crescida, ensinou a mãe a escrever o nome, porque Sol era analfabeta, o que faz dela uma mulher ainda mais extraordinária. Os seus olhos verdes brilhavam quando tinha de assinar um documento oficial e o carimbo Não sabe assinar não era ser preciso.

Era uma vez ...

Um dia, nuvens negras toldaram o céu, Sol murchou e deixou de brilhar. Francisco, Assunção, Casimiro, João e José, outros parentes e amigos ficaram tristes e ela fez-lhes falta.

Era uma vez ...

“Mãe, contei bem a história da avó Sol?”

“Sim, filha, contaste bem a história da minha mãe, a tua avó. Uma mulher inteligente, independente, emancipada, trabalhadora, empresária, carinhosa. Analfabeta. Defensora das mulheres. Era muito maior que o seu tempo ou estava muito à frente do seu tempo, como se diz agora. Uma inspiração. Como a avó Sol dizia e demonstrava por ações, a igualdade de género – na altura, ela falava apenas em igualdade - está dentro de cada mulher e a cada uma cabe fazer a sua parte. Quem podia prever que Sol, nascida em 1888, faria a diferença? Mas fez!

“1888 é lá muito atrás, realmente!”

“Sim, mas através dos tempos, muitas mulheres portuguesas e estrangeiras lutaram pelos seus ideais de igualdade, de liberdade que consideravam ser natural: homens e mulheres iguais em direitos.”

Em Portugal, por exemplo, Adelaide Cabete, médica, republicana; Ana de castro Osório, escritora e editora; Carolina Beatriz Ângelo, médica; Regina Quintanilha, advogada; Maria de Lourdes Pintasilgo, engenheira, a primeira primeira-ministra em Portugal; as Três Marias, escritoras, que enfrentaram o regime com a sua escrita livre e sensual. O regime não gostou, a PIDE entrou em ação e elas são levadas a tribunal. O borburinho foi tal que as Três Marias tiveram apoio mesmo no estrangeiro. Os jornais europeus não calaram a afronta de elas serem levadas a tribunal.”

“Mãe, passam agora os cinquenta anos da publicação da obra *Novas Cartas Portuguesas*.”

“Se reparares, as mulheres que referi estudaram, frequentaram a universidade, tiveram visibilidade social. A tua avó não teve nenhum palco: não sabia ler nem escrever, nasceu e cresceu numa aldeia de um concelho longe de Coimbra, longíssimo de Lisboa, numa vila do interior, com tudo o que isso implicava naquele tempo. Impôs-se pela força do seu carácter, do seu exemplo e inteligência.

A violência doméstica, a igualdade de oportunidades, os mesmos direitos para homens e mulheres, a possibilidade de ser dona e senhora de si e do seu destino foram as grandes causas que abraçou. Ainda hoje estas questões são problemas graves na sociedade portuguesa atual, não é preciso ir além-fronteiras.

A avó Sol sentia a igualdade sem grandes teorias, só com uma consciência desperta para estes problemas. Se somos todos iguais, porque são as mulheres discriminadas?

Sem destaque especial, sozinha numa aldeia longínqua, numa época improvável, a tua avó Sol marcou, pela diferença, pais, irmãos, filhos, familiares e conhecidos e os que com ela conviveram, em Castendo, em Fundo de Vila e até na zona onde fez vida nos Estados Unidos.”

“Mãe, contei os factos que sempre me contaste e que sei serem verdadeiros!”

“Sim, foste fiel. E eu bebi muito nos meus pais: pude estudar, apesar dos sacrifícios desmedidos que eles fizeram. Fui dona das minhas ideias de liberdade, bati-me pela educação das

meninas que estavam destinadas a ficar em casa, com a aprovação do poder. Mas estou feliz, porque vos passei, a ti e à tua irmã, os valores da igualdade e da emancipação das mulheres, não em abstrato, mas com o exemplo real da minha mãe, a tua avó Sol!”

# Terra Fértil Por Arar

Rui Caeiro

Era ainda criança quando, pela primeira vez, percebeu quão duro pode ser o amor. Talvez o sentimento tenha crescido a pouco e pouco, alimentado por gestos acomodados sem enunciação, mas a primeira memória viva da dor ficou impressa num quadro que sempre carregou:

– AI, MÃE! – gritara a sua, correndo para a avó no chão – Que é que aconteceu? Sente-se bem? Levante-se lá, força!

– Tá tudo bem, filha... tropecei ali no murinho, isto não foi nada – disse rindo, enquanto firmava os joelhos no chão e sacudia o pó. Mas os risinhos olhos não eram alegres como a voz, e o vestido subido de onde saía o pó deixava ver manchas vermelho-acastanhadas, mistura de terra, sangue e suor nas pernas morenas trabalhadas pelo campo. O avô, que deixara o corpo caído para trás, já estava sentado no alpendre. Aparentemente alheio à cena, assim permaneceu quando, já perto de si, a filha-mãe limpava as feridas da mãe-avó. Nem as perguntas preocupadas de uma nem as respostas fugidias da outra aligeiravam o ambiente dominado pelo silêncio do pai-marido, resolvido a não corresponder aos furtivos olhares da esposa que, sentada por insistência da outra mulher, parecia pedir perdão. Ou, talvez, um sinal de cuidado. Quem sabe, de reconhecimento que estavam juntos, no alpendre e na vida, mas isso só viria dele anos mais tarde, quando um AVC contribuiu para limitar os dias dela a poucos passos, depois nenhum. Habituada a uma vida de correria, a incapacidade de andar parecia compensada pela felicidade de flutuar nos olhos do marido, com ele. Passaram a dormir e acordar juntos, vendo-se, ouvindo-se, tocando-se com carinho. Os meses avançaram assim rapidamente. Neles, quase sem se perceber, ela foi deixando de rir, de sorrir, de falar, de comer, e quando o amor reparador que finalmente tinha chegado levantou voo, “eternas saudades”, não demonstrou qualquer sinal de o ter percebido. Mas antes viriam os anos em que estava guardado o dia da queda.

Depois do curativo chegou mais gente e, antes de o pôr do sol daquela tarde de fim de verão, o núcleo familiar já estava reunido para o jantar de aniversário de uma filha-tia. A mesa era farta,

não faltava comida e bebida para as quase vinte cadeiras que, de tão comprimidas entre si, exigiam o remexer de ao menos duas pessoas quando uma se levantava. O guião seguido para a ocupação dos lugares era quase sempre igual: depois de muito protestar estar com fome, o avô sentava-se à cabeceira; seguiam-no os tios que iam conversando enquanto petiscavam umas azeitonas ou o que já estivesse posto; depois das insistências para que as outras a acompanhassem, a tia Felizarda – aquela que muito nova tinha ido viver na cidade grande –, era, normalmente, a primeira a ir para o espaço dos homens, enquanto as demais, entre o finalizar dos trabalhos e conversas sobrepostas na cozinha, faziam ultimatos às crianças que tardavam a ir lavar as mãos. Por muito que a chamassem – “está tudo mãe, qualquer coisa vamos buscar!” –, a avó era quase sempre a última a chegar, também a que mais dificuldade tinha para se sentar. Um jeitinho aqui, outro ali, “já está, vamos lá comer! O assado tá bonito, não tá?”. Mas raramente o bailar saias terminava por ali.

– Tão não há mais pão? – perguntava o companheiro de mesa que ali a via, e ela lá se espremia para ir procurar.

– Traz lá mais vinho.

– Onde é que meteste os queijos que trouxe ontem?

Com o passar do tempo, noutros almoços e jantares, foi-se apercebendo que os pedidos-ordens do avô eram mais numerosos do que aqueles que a maioria dava sinais de ouvir. A sensação era que a avó estava sempre a vigiar a mesa, atenta para antecipar faltas, mas a verdade era que tinha quem a vigiasse por ela, e a ela.

– Aonde vai agora? – perguntava alguém com mais um remexer – Deixe estar que eu vou! O que é?

– Isso lá é preciso! Eu já tô de pé... comam, comam! Há ali mais se quiserem.

– Ora, tá de pé porque se levantou. Venha cá...

– Porque ainda não se sentou, queres tu dizer – dizia secamente um primo mais velho enquanto encavalitava comida no garfo.

– Vá, não se chateiem que eu vou só ali buscar um melão. Até já acabei de comer...

– Tão e o pai, também já acabou? – era a deixa para a tia Felizarda.

– Mau! Qu’ é que tens a ver com isso?! Alguma vez te falei no que comes?! – explodia em resposta.

– A mim não, à mãe não sei. Já viu o prato dela? Tá em meio – indicava com um acenar de cabeça, encarando o olhar do patriarca.

– Ai filha, valha-me deus! Deixa-te estar! Eu já tô satisfeita, o resto fica prós animais!

– Mãe – pausa – Não é essa a questão.

– Atão?! Vá vai buscar o melão! Este ano estão mesmo bons, ó João, grandes e doces! São do meu manual. Depois levam uns.

Entre olhares cúmplices e silêncios comprometidos, o episódio acabava, o jantar esmorecia,

e as conversas dividiam-se, altas à mesa dos homens que continuavam acompanhados de copos e garrafas, altas e segredadas entre as mulheres que voltavam à cozinha antes de puxarem cadeiras para a noite fresca. As primas e primos mais velhos tinham ido até ao café da vila ainda aberto – “não se demorem que não tarda vamos embora!” – e lembrava-se de na estrada deserta com postes de fraca iluminação (felizmente havia luar) retomar qualquer brincadeira com o primo Manel, companheiro de sempre, nascido no mesmo ano. Detalhes sobre as conversas a sós ficaram perdidos, mas no quadro antigo entrava também a reação das mães (Felizarda já não estava) quando, em conjunto, saltavam insistentemente para perguntar porque é que a avó não se sentava noutra lugar à mesa:

– Que pergunta... de onde veio isso agora? Vá, vá! Vão lá brincar que não tarda vamos embora!

O tempo passou. Noutra outono, quando voltavam de uma visita solitária para ajudar na colheita da azeitona, perguntou à mãe se não achava que os avós se deviam separar.

– IH! – incrédula – que raio de conversa é essa?!

– Não sei... os pais da Joana não se davam bem e separaram-se...

– Os pais da Joana n... deixa. Os avós não são os pais da Joana.

– Mas já viste como o avô é com a avó? Achas que gosta dela?

– Claro que gosta! À maneira dele, minha mãezinha..., mas vá, tu ainda não tens idade pra compreender essas coisas!

– Oh, não, não tenho...! Tão explica lá!

– ...

– Mãe!

– Há coisas que só quem as vive é que sabe. E pra jantar, que queres? O pai já deve estar à espera, logo quem é que o ouve...

– Eu oiço e vejo mais do que o que pensas.

– Eu sei, amor – encerrava a mãe, estendendo a mão livre do volante para procurar a sua numa tentativa de reconforto mútuo.

“Não sabes”, pensou.

Por essa altura, há muito que desconfiava do amor. Pelo menos daquele dos contos que, entre príncipes e princesas ou variações próximas, paria uma felicidade eterna. Para começo de conversa, já nem existiam reis e rainhas. Fadas madrinhas e outras coisas mágicas eram, obviamente, invenção. Era suposto acreditar no quê? Se no cavaleiro que salva a donzela, coitada, tinha de esperar sentada. Além disso, bruxas e dragões também eram histórias muito mal contadas, então, salva de quê? Com certeza não havia esses monstros e heróis, não existia esse amor.

Não, a coisa devia ser mais simples.

Volta e meia perguntava-se porque é que os homens não moravam com os homens e as mulheres com as mulheres. De vez em quando visitavam-se e pronto! As tias pareciam muito mais soltas e felizes quando estavam juntas, longe dos maridos. Os tios, quase a mesma coisa, e descon-

fiava que era assim na maioria das casas. Mas chegava sempre a conclusão parecida: não podia ser. Muito provavelmente os tios morreriam de fome, muito magrinhos por só comerem melões, e as tias morreriam de desgosto, gordinhas de culpa por não os terem salvado.

Mais do que desconfiar, sabia (já o tentara dizer à mãe) que o amor nunca é só uma coisa. A mesma coisa. Sempre só a mesma coisa. Por isso, quando o professor de português pediu uma composição sobre o que ele é (andavam às voltas com poesia), pareceu-lhe a oportunidade perfeita para esclarecer que ele NÃO É, SÃO. Que OOOO amor é uma invenção muito parva. Escreveu, claro, sobre o avô, que o adorava (nos passeios a dois pelo campo, por exemplo) e detestava (quase sempre quando também estava a mãe-avô, às vezes as filhas-tias-ou-mãe e raramente os filhos-ou-genros-tios, que praticamente só iam aos almoços e jantares de família), num amor de vaivém. Dias depois a encarregada de educação foi chamada: o texto era preocupante. Claro que não tinham compreendido nada! Tentou, com mais atenção às convenções dos adultos, explicar-se melhor, mas as suas palavras eram diferentes das deles e o efeito não mudou. Outro dia, a sós com a televisão da sala, apressou-se a baixar ligeiramente o volume quando captou a conversa partida entre a mãe e o avô:

– ... no campo?

– Sei lá eu, nada.

– Como nada se diz que só gosta de estar com você sem a gente?! – “adora”, mãe, “adora”. Não é “gosta”, corrigia sem saberem.

– Tão se calhar a culpa é vossa!

– Olhá’gora! Nossa como s’a stória é com você!? Arre porra qu’é demais! Não me tá a ouvir?!

Não tinham faltado oportunidades, mas nunca tinha ouvido a filha-mãe tão exaltada com o pai-avô. Dessa vez não era para tanto. Ou, pelo rumo da conversa, para nada. E lá voltou, impaciente, a tentar concentrar-se no barulho do aparelho, mais estridente do que o normal sem ninguém dar sinal de incómodo. Impaciente, com a incapacidade ou falta de vontade para se ouvirem, mas não só. Raiva. Primeiro do avô, quem parecia acreditar estar sempre imune a qualquer culpa, a qualquer responsabilidade, tantas vezes ferindo até quando se ausentava. Depois, também delas. Vendo bem, ele tinha alguma razão. Porque ficavam tantas vezes caladas?! Porque não mudavam a órbita, sempre gravitando em torno daquele planeta tão imenso, parado, explosivo?! Que parassem de cozinhar, de limpar, de cuidar, de... que se dedicassem a outros plantios se queriam frutos diferentes! E raiva de si, que em meio a todos os ruídos, de olhos fixos na TV, entrava silenciosamente em ebulição. Que mais podia fazer? Além de tudo, a verdade era que também não queria discutir com o avô, deixá-lo chateado ou desapontá-lo, aumentar as distâncias e silêncios incómodos.

Outro Natal veio, um especialmente invernososo quando a maioridade já estava próxima. Antes do grande jantar que voltava a juntar a família na casa de infância, foram, também como costume (os e as de sempre, poucos comparados com as cadeiras que já só cabiam em duas mesas),

ajudar nos necessários preparos de véspera. Filhoses, arroz-doce, sonhos, bolos secos, bolos molhados, temperar o frango, demolhar o bacalhau, sovar a massa do pão (que agora só era feito no antigo forno a lenha em ocasiões muito especiais) – “já viram o dinheiro que gastávamos se fossemos a comprar isto tudo??”, perguntava sempre alguém. Havia ainda a árvore por fazer, as decorações por terminar – “já chega... quero ver quem é que depois vai tirar isso tudo”, bradava alguém que passava pelas mais pequenas envolvidas no frenesim – e, no final, o limpar e guardar de coisas para no próximo dia recomeçaram.

– Tanta gente e inda tá tudo assim?? Tão que andaram a fazer? – perguntava sempre alguém com muita admiração.

– Papas a mexer – replicava a seca Felizarda, e depois de passar riam.

Não era perfeito, mas adorava. A sua época preferida: três dias e duas noites, sempre demasiado curtas, mas também cansativas demais. À despedida do primeiro dia, a avó, como que antecipando a noite seguinte, desculpava-se ao privilegiado círculo:

– Gostava de lhes dar uma prendinha já hoje, um dinheirinho...

– Ó mãe! Já nos dá tantas coisas o ano todo! Pois, avó! A gente vem porque gosta, não são precisas outras prendas!

– ..., mas ele é pouco... amanhã o avô dá, tá bem? Mas olhem que também é da avó, não se esqueçam!

– Não se preocupe – beijos estalados, abraços apertados, sacos com comida, outro abraço, volta para ir buscar um balde esquecido, apitadelas, beijo, acenos, a avó cada vez mais longe – TCHAU! BEIJINHOS! ATÉ AMANHÃ! BEIJINHO GRANDE! OUTRO PRÓ AVÔ! NOITE DESCANSADA! VAMOS DEVAGAR SIM! BEIJIIIIINHOS! TCHAAAAAU! BEIJINHOS!

Num dos carros despontava a discussão:

– Tu achas normal!?

– Claro que não acho normal!

– Passou a vida a trabalhar continua a trabalhar não tem um momento de descanso, e depois nem tem direito à sua mísera reforma?! Tem d’andar sempre a implorar ao marido que lhe dê um bocadinho pra isto ó’prá’quilo?! Por amor de deus, em que século é q’ainda vivem?!

– Pois, coitadinha... sempre assim foi.

– Coitadinha, coitadinha...! Tão porque não dizem nada?! Que el...

– Mas quem te diz a ti que ‘não dizem nada’?! Não ouviste já muitas discussões?! Inda se fosse só isso... não sabes como é? E agora, que queres fazer?

– Olha, pra já, que não comecem logo com “ó filho ó filha ó deus ó não sei o quê ó não sei que mais” cada vez q’a gente diz alguma coisa! Andam sempre com paninhos quentes, porra, q’irritam!

– Olh’ó respeito, já tás a passar da conta...

– ... respeito, respeito...

– E tu achas que como vocês falam ajuda muito? A tua tia Felizarda é outra, tem-lhe valido de muito... ajuda no quê? Ajuda quem, hã?! Vá?! Cada vez que se metemos, como é que achas que ficam depois? “É verdade sim senhor, as minhas filhas têm razão...

– ... os tios são outros, mais calados que ratos...

– ..., anda cá Deolinda, anda descansar que já fizeste muito. Eu vou lavar e loiça e toma lá o dinheiro que agora és tu que mandas”. É isso?! Vocês pensam que só porque podem dizer tudo devem...

– ... eu não posso...

– ... dizer tudo, mas não é assim que funciona! Leem muito, veem muitos filmes, mas... e depois de se virmos embora, a tua avó vira-se pra quem?!

– Não tô a dizer pra se andar sempre a brigar! Nem pra falar só com o avô! Que se fale também com a avó...

– ... falar o quê?

– Sei lá! Q’aquilo não é vida, que merece mais, que também tem de bater o pé!

– Lá tás tu! Achas que a tua avó não sabe a vida que tem? Que teve!? Melhor q’a gente todos! Que sabes tu pra lh’ir dizer que não é vida? Vocês são doutro tempo, não percebem. E inda bem q’as coisas tão mudadas! Mas o que não percebem é que não se pode mudar tudo. Se gostavas que tivesse mais, ouve-a! Mas ouve mesmo, não é tar ali à espera que acabe pra depois lhe dizeres como é que devia ser. Vocês inda têm muito pr’áprender antes de se meterem a tentar ensinar...

– ...

– Vá, e a ver s’amanhã se deixamos de discussões q’ é Natal!

Não houve. Pelo menos a esse nível, os dias de festa até foram tranquilos. Quentes, caóticos, preenchidos por conversas sobrepostas cercadas de vidros embaciados que não deixavam ver a chuva lá fora – “abram lá uma fresta senão inda prá’qui morremos todos abafados! Que frio... ai os gaiatos! Chamem-nos lá que se constipam! VENHAM PRA CASA! NÃO É ‘JÁ VAMOS!’ Limpem os pés. Ah! Os pés! Vão-se lá secar. Ai sim?! Pronto, tão acabaram-se os doces”. Felizes. E também trespassados por uma renovada sensação de estranheza.

Tinha crescido a ouvir saudosas histórias sobre um passado onde dor e prazer andavam quase sempre, inevitavelmente, lado a lado. Mas, pensava agora mais seriamente, deviam ser farrapos, corroídos pelo tempo ou animados pela vontade, puídos pelo uso ou adulterados com a substituição de fios. Não eram raras alterações em episódios já contados, o que por vezes motivava acaloradas disputas entre a tecelã (ou tecelão) que tinha iniciado a costura e aqueles (ou aquelas) que faziam assaltos para a continuar. Talvez as memórias, principalmente as familiares, funcionassem sempre assim, e, a bem da verdade, as contendas nem pareciam ser sobre pontos assim tão fundamentais. Uma data aqui, um parentesco ali, um embelezamento para cá, uma diminuição para lá... isso sem contar, claro, as partes para que nunca havia tempo ou disposição. Mas, para além dos buracos, o que agora mais estranhava era como as histórias iam de A a B sem grandes percalços, tudo se encaixan-

do mais ou menos bem. “Trabalhávamos de sol a sol, aquilo é que era penar! Mas cantávamos o dia inteiro, era tudo mais amigo” – e continuavam a descrever os dias de trabalho – “E não havia cá isso de andar hoje com um e amanhã com outro! Namorar só à janela! Havia mais respeito” – e continuavam a descrever como se conheceram maridos e mulheres.

“Mas como se tornaram ‘maridos’ e ‘mulheres?’” – questionava-se naquele Natal enquanto se via na cabeceira da mesa, fim da linha que o avô iniciava na outra ponta, colocando frente-a-frente homens e esposas. “Será que já se tinham questionado sobre o que é ser mulher e esposa? Mulher e não Esposa? Esposa e não Mulher? E eles, Homens e Maridos? Sobre eles? Que respostas tinham? Sempre o quiseram ser? O quê? Porquê? Por quem? Que sonhos tinham? Ou tiveram? Com quem? Sonhavam sozinhas? Podiam-no dizer? A quem?”. O sentimento cravou unhas e sentiu que não conhecia quase ninguém ali. Garfadas, garfadas, garfadas, conversa, conversa, conversa, e foi-se tornando mais leve. Era Natal. Teria tempo para estranhar-se, à família também. Com sorte, estranharem-se e encontrarem-se noutra lugar, em conjunto. Como a mãe tinha dito, passaria também por ouvir. Parecia simples, mas, e isso aprenderia melhor com os anos, não o era. Mas de longe! Nem para a mãe, a quem o conselho tão sábio muitas vezes parecia não pertencer.

– Vou beber café ao jardim, ‘té logo! – era Páscoa e tinha ido passar uns dias a casa. Dividia apartamento com estudantes numa cidade ali perto, onde trabalhava e pensava continuar o curso que tinha congelado. “Pra quê pagar quarto agora se podes ir e vir pra poupar dinheiro?”, perguntavam sempre que voltava, caindo as justificativas em saco roto: “independência! Independência!”.

– Espera aí! Com quem vais? – mais um clássico, invariavelmente da mãe.

– Com a Joana.

– Sempre a Joana... vocês...! É verdade – expressão de quem parecia agradecer a alguém por lhe ter lembrado algo –, tão a mãe dela ainda é separada?

– O pai também. Fazes sempre as mesmas perguntas! – aquela em particular, ainda não tinha conseguido perceber se era envolta em reprovação ou admiração.

– Ora... e ela já namora?

– Sim.

– Ah! Com quem?

– O Jaime

– Qual Jaime?

– Não conheces.

– Sabes lá se não conheço! É filho de quem?

– É cigano – estava visto que por nomes não ia lá.

– Ó valha-me Deus! Cigano?! Tão e podem?

– Podem o quê?

– Ser namorados?

- Bom, estão a namorar, então...
- Uma rapariga tão inteligente, responsável, bonita... o que lhe havia de calhar... ela não tinha ido pra enfermeira, ou...?
- ...e entããã??
- NADA! Porra, que parece que não se pode falar contigo!
- Pode, mas... por acaso conheces alguma pessoa de etnia cigana?
- Não..., mas a tua tia Felizarda trabalha na Câmara e sabe como são!
- Ora, até a tia... tão e como são?
- Olha, sempre a arranjar confusão! Tu vês na televisão... nem trabalhar querem. Um trabalho honesto, como...
  - ... tu não conheces ciganos!
  - E tu conheces muitos...
  - Não, mas
  - AH!
  - Tão e quantas pessoas conheces a querer empregar um cigano?!
  - Tão... se eles são assim... inda na semana passada o tio João me contou que roubaram uns canitos lá perto! Só por maldade, pensas o quê?! Toda a gente viu e não os quiseram devolver, nem a GNR se quis meter com medo!
  - Os ciganos todos juntaram-se para ir roubar uns cães, só porque sim, por acaso TOD'A GENTE tava por ali pra ver, e pronto, chamaram a GNR que disse "ná! Nós aí não vamos que temos medo" ...?
  - Acho que nem chamaram a GNR porque já sabiam no que dava. Mas foi mais ou menos assim, po... não precisas de tar a revirar os olhos! Foi o que me contaram! E tu duvidas??
  - Ó mãe, por favor... tenho de ir. 'té logo, beijo.
  - Que vão fazer?
  - Roubar um cão, ideias do Jaime...
  - Grande piada! Juízo! E não te demores pra jantar!
  - Noutra visita, mais rápida, novo ping pong:
    - Então, hoje vais tão cedo...? Não trabalhas amanhã, podias dormir cá.
    - É que já combinei de sair mais logo.
    - Com quem?
    - A Joana e o Manel.
    - O Jaime não vai?
    - Não, mãe. Já não namoram.
    - Ah! E vão só os três?
    - Se calhar o Filipe vai lá ter.

– Qual Filipe?

– Não conheces. Eu também não muito bem, anda a sair com o Manel – e quase que se deixava rir com a antecipação.

– Pois, e com vocês, mas quem é?

– Não mãe, anda a SA-IR com o Manel – pausa para assentar, já sem suster o sorriso – gostam um do outro.

– Ai, tu não me digas uma coisa dessas!

– Ai digo, digo! – risos – Quê? Não é segredo nenhum...

– Pois, tá bem, mas... não tava a espera.

– Se o Manel é gay, tavas à espera de quê?

– Ai, cala-te lá com isso!

– Tu é que perguntaste!

– Pois, tá bem, mas dantes não era assim!

– O que é que não era assim?

– Ora, homens com homens e mulheres com mulheres, assim, sem mais nem menos.

– Se calhar dantes andavam mais às escondidas, né? Pra não levarem umas pauladas, se calhar ficarem sem trabalho, família e tal... não que hoje não aconteça, mas pronto... se calhar o Manel só é o primeiro a assumir... se calhar temos algum tio ou tia, quem sabe avô ou bisavó, que por trás...

– CALA-TE LÁ! Do que te lembras, que parvoíce! Vai lá, vá! E vê lá com quem andas! Inda prái começam a falar de ti...

– E então?

– Vá, até amanhã! Liga! Beijinhos! E cuidado!

A caminho do carro viu a avó. Sentada ao entardecer com uma manta leve no colo, aos pés um alguidar de roupa e na mão estática uma meia gasta e agulha. O AVC tinha acontecido há alguns meses e, depois dos membros teimarem em não voltar a obedecer como antigamente, concordaram em ir morar com as filhas e filhos, uma temporada com cada. Eles, os avós, eram um dos motivos por que nos últimos tempos voltava mais vezes a casa, mesmo que nunca ficasse tanto quanto antecipava sempre que fazia as malas.

– Tão filh', já vais?

– Olh'à avó! Dê cá um abraçiiinho! Sim, combinei de me encontrar com o Manel e uns amigos... tão o avô?

– E tavam a discutir, não? Ouvi-os aqui...

– Eu e a mãe? Ná! Tavamos a conversar, pronto, já sabe como é às vezes...

– Tens de ter paciência com ela... também não tem uma vida fácil, coitada.

– Eu sei, avó... mesmo se não quisesse saber... olhe, não dava, que ela fala e fala – dizia meio a sério meio a brincar.

– Ouve-a que ajuda, a ela e a ti.

– Sabia que há tempos ela disse-me algo assim? Não sei se ainda se lembrará... que a ouvi, a si.

– Ai sim? Tão porquê?

– Não me lembro bem – mentiu –, mas foi alguma vez que a fomos visitar... porque... não sei bem, mas qualquer coisa das coisas em casa, com o avô e assim... de... pronto...

– O teu avô não era fácil, pois não...

– Pois não...

– Mas sempre gostou muito de vocês todos.

– Eu sei, avó – a vontade era a de sempre, “e você?”, mas nunca soube tocar diretamente em algumas feridas. Com certeza não naquela, e menos agora.

– O que tens?

– O quê? Eu? Nada, tão?

– Se a tua mãe já te disse pra me ouvires, deixa lá mudar o disco. Não a oiças só, fala com ela. E podes falar comigo... fala até com quem não te quiser ouvir, se achares que deves.

– A gente fala...

– Mas conversem como deve ser. Ninguém aprende muito só a ouvir ou só a falar. A gente cresce é quando se vê.

– Pois, sim, mas... não é fácil.

– Ora, se fosse... por isso é que somos quase todos tão pequenos. Olha, na família é raro o que tem mais de metro e meio – e ria.

– O avô é alto...

– Pois é. E bonito, sempre foi.

– E você sempre gostou muito dele, não foi?

– Ai filh', tinha dias, e horas. Agora é sempre.

– Oh! A sério!

– Tou-te a falar a sério! Tão não achas que a avó é séria? – e ria de novo – Mas sempre gostei muito dele, sim. Uma parvalhoca, não é?

– Claro que não!

– A gente passou por muito juntos... e dantes o amor era outra coisa. “Careca d’ouvir isso”, não é como vocês dizem agora? – risos – Mas é verdade... o amor de mãe se calhar sempre foi o mesmo... não vês que quase nunca falam do José, só da Maria na cruz? Pronto, também depende das mães... mas o amor dos pais, dos maridos... tá certo que também não são todos iguais, mas é diferente... não é que não fosse amor, mas o amor também se aprende! Olha, não vês o caso do teu primo? E pronto, se calhar a gente aprendia de maneira diferente...

– Mas há coisas que a gente sabe que não merece... ou que merece... pronto, que também não

é preciso alguém estar a ensinar pra...

– ... oh filh', às vezes a gente vê tantas vezes a mesma coisa que acaba por se acostumar. Fica a achar que é assim e pronto, não há mais nada. Ou há, mas é só pra alguns. Às vezes a vida é tão difícil que chegar ao fim do dia com alguém que se conhece bem, que se sabe o que se pode esperar... é um descanso. E depois havia os filhos... uma mulher sozinha, nem queiras saber como era!

– Pois...

– Mas não m'oiças, não queiras descanso! A gente já trabalhou muito, agora são vocês! O que não falta é terreno pra arar... olha, lá vem o avô!

– Tão filh', já lá vais, não? Tem de ser...

– Pois... mas não tarda tou cá outra vez. Dê cá um beijinho! Tchau, avó, tenho de ir. Outro abraquinho! Obrigado.

– A mãe disse que ias encontrar o Manel... manda-lhe um beijinho, e diz-lhe lá que já não sei mexer no telemóvel outra vez. Ele que venha cá!

– Digo, fique descansado. E vou convidá-lo a vir comigo prá semana...

– Ele que também tenha paciência com os pais – completava a avó – olha, e isso do ouvir e do falar... são só conversas, pronto. Não faças caso demais, tu lá sabes.

– Beijinhos! Tenham cuidado que tá a ficar frio cá fora...! – outro abraço, também aos pais – “Tão não tinhas ido já embora? Vê lá se queres cá dormir” –, beijos, acenos, apitadelas – “NO PRÓXIMO FIM DE SEMANA TRAGO O MANEL E O NAMORADO!” –, mãos nas bocas ao longe e risos dentro do carro.

# Olhos amalgamados

Veronika Eleutério

Deixou o primeiro andar da enorme loja de departamentos completamente distraída ou indisponível para flertar com o amor. Trocava de andar, elevada pela escada rotativa, e subitamente tomou-se de um baque ao chegar a seu curto destino de sete segundos. Não era um daqueles sustos conhecidos, aos quais já se habituara.

Os grandes olhos que no topo do segundo andar esperavam por ela sequestraram sua alma, e até hoje quando lhe perguntam o que aconteceu, ela culpa o magnetismo dos globos oculares do rapaz. Vermelho era a cor das vestes dele, daquele ruje natalino, contrastando com a calça clara e desbotada. Sorriram-se e pronto, pareciam velhos amigos, conhecidos.

O olhudo a convidou de imediato para guloseimas no restaurante do grande magazine, inundou-a de mimos e sobremesas. Acertou em cheio o paladar de olhos pequenos, que diminuiram mais ainda ao saborear as centenas de calorias. O verde dos pequenos olhos e o olho negro agigantado de súbito se amalgamaram e magicamente encontraram seus antídotos para as mazelas de suas feridas de amor.

O grandes olhos, sereno, engraçado e de voz calma, apaziguou e intrigou a mulher. Por hora, ela se encontrava diante de um ancião cosmonauta, discutindo sobre a possibilidade de vida nas galáxias, teoria das cordas, depois de verem estrelas, não as do céu, mas as liberadas pelas endorfinas. Noutras, agraciado pelo espírito criativo e uma mente fértil, o olhudo jorrava pela boca conteúdos complementares às necessidades da psique da mulher que, tal como ele, também oscilava numa dança de arquétipos.

A apaixonada, sacerdotisa nas questões terrenas, sabia resolver como ninguém as questões práticas da vida, mas nunca deixava de se aventurar em oportunidades que lhe fizessem cócegas nos cinco sentidos. O olhudo exalava um cheiro único, um elixir de sensações que latejavam nas narinas de olhos pequenos, pedindo aproximação imediata. Sábia e contida pela velha boa educação de seus

impulsos domados, elogiava os feromônios dele de forma sutil, valorizando cada tocar de pele.

Grandes olhos negros por vezes se assustava com o excesso de otimismo, ânsia de viver e empolgação da parceira. Achava graça das ousadias da enamorada, mas lucrava com o balé involuntário dessa aventura amorosa à qual foi arrolado. Ria dos rodopios e estrepolias da amada, tal como uma criança feliz, e ganhando também maleabilidade, passava a se arriscar mais nessa nova dança da vida.

Num terreno ao qual ambos nunca antes se sentiram de fato conectados com os antigos postulantes, habitava entre o casal uma sintonia magnética, sem qualquer evidência científica, onde os amalgamados se vêem tomados por adivinhar o querer alheio. A dupla dinâmica pipocava em assuntos diversos, polêmicos. Havia discordâncias, divergências políticas, partidárias e de ideias, porém os valores unificavam as pautas.

Prestes a concretizar uma união estável, solidificando o que já era cristalizado, o homem quis ter a certeza da escolha irreversível da mulher de olhos pequenos. Antes de responder na cerimônia àquelas perguntas batidas e tradicionais, chamou a candidata para um café antes da assinatura dos papéis e pediu uma justificativa quanto à certeza dela em ser ele o escolhido. Inseguro, confessou a olhos pequenos que tinha medo dela despertar de seu devaneio e abandoná-lo. Rasgando-se em risos, olhos pequenos beijou-lhe a testa, abraçou e apertou-lhe o corpo, deixando os grande olhos mais arregalados. Desferiu-lhe um conjunto de justificativas do porquê de sua sábia decisão.

— Porque você abriu a porta do automóvel, quando o outro perguntou se eu estava com os pés limpos para entrar no carro.

— Porque você queria que eu experimentasse o menu completo com você no restaurante, enquanto o outro sempre repetia o mesmo prato.

— Porque você quer passar a noite dormindo abraçado comigo, enquanto o outro precisava de espaço.

— Porque você adora jantar fora, enquanto os outros reclamavam do preço dos restaurantes.

— Porque você lê revistas femininas, adora conhecer e se compadecer de nossos dilemas, enquanto os outros se interessavam por revistas sobre nosso eu exterior.

— Porque você não se oprime diante de mulheres fortes, enquanto os outros acham que lugar de mulher é estampando uma cozinha.

— Porque você sempre me empurra e incentiva meus projetos, enquanto os outros sentiam-se inseguros a cada degrau que eu subia.

— Porque o meu prazer é seu prazer, enquanto outros tinham medo da mulher que goza.

— Porque você ampara e valoriza a minha irrelevância, enquanto os outros buscavam a mulher perfeita.

— Porque você acha graça quando quebro os copos e ainda me ajuda a recolher os cacos, enquanto o outro reclamava do prejuízo.

— Porque você quer me poupar do excesso de afazeres, enquanto o outro achava um disparate eu mandar roupas para a lavanderia.

— Porque sou péssima na cozinha, e saboreando meu risoto empapado você elogia e jura que eu deveria abrir um restaurante, enquanto os outros preferem a comida feita pela mãe.

— Porque com os quilos que eu ganho, você brinca que aprecia gordurinhas, enquanto os outros criticam o engordar e envelhecer unilateralmente.

— Porque o seu único vício é trabalho, enquanto os outros queixam-se do fardo laboral.

— Porque nosso gosto pela literatura é distinto, mas complementar, enquanto os outros quase não lêem.

— Porque você confia a mim as nossas finanças, enquanto outros mantêm contas secretas.

— Porque você quer que seus filhos se pareçam comigo, enquanto os outros querem a cópia de si na prole, sem deixar dúvidas de quem é o pai.

— Porque consegue ver beleza no meu acordar atordoado e de olhos borrados, enquanto os outros fantasiam acordar com beldades.

— Porque minha ausência é sua angústia, enquanto os outros adoram oportunidades para fugas.

— Porque você confia em si, sabe que por vezes me ausento, mas volto para você, enquanto os outros querem tolher minha liberdade.

— Porque você quis convidar todos os meus amigos para nossa festa de casamento, enquanto os outros só pensavam em me afastar de meu passado.

— Porque você quer me mostrar paisagens e monumentos que já visitou, enquanto outros acham viagens com parceiras tediosas ou um fiasco.

— Porque adora escolher comigo objetos e móveis para aquecer nosso ninho, enquanto outros se negam a cuidar dos detalhes das coisas cotidianas.

— Porque sempre me coloca no mesmo patamar intelectual que você, enquanto os outros sabotam ou maldizem o meu saber.

— Porque você me espera com paciência no cabeleireiro e elogia um simples escovar, enquanto os outros dizem, inseguros, que mulher vaidosa está tentando chamar a atenção masculina.

— Por que quando falo alguma asneira, você se diverte como criança, enquanto os outros invalidam as minhas falhas.

— Porque quando resolvi voltar a estudar, você vibrou e me empurrou adiante, enquanto outros acham que mulher aprendendo é perda de tempo e dinheiro.

— Porque quando digo-lhe que tenho medo de parir filhas, por causa deste mundo machista e cruel, você me tranquiliza e diz que elas encontrarão homens a altura delas.

— Porque quando você me ouve reclamando que vou ficar enrugada quando velha, você me mostra sua calvície em andamento e me lembra que a decadência do envelhecer é inerente, enquanto

os outros se divorciam para casar com mulheres mais novas.

— Porque o toque do seu corpo me causa um frenesi alternado com paz, enquanto os outros eram somente uma faísca, tal como uma caixa gasta onde o fósforo não consegue mais acender.

— Porque quando eu digo que estou cansada, você me abraça e diz que vai me energizar com amor, enquanto outros dizem que mulher que reclama é vitimista.

— Porque numa simples gripe, você vira meu cuidador, enquanto os outros se preocupam se é contagioso.

O olhudo sorriu e tocou os lábios de olhos verdes, calando-a.

Olhinhos verdes lhe devolveu a pergunta.

— E você? Por que quer se casar comigo?

Estufando o peito, olhos negros expirou todo ar e aliviado respondeu:

— Eu já estava convencido desde o beijo na testa. E por que tu és o bálsamo que alivia as minhas agruras.

Assim o casal balzaquiano assinou o pacto de união, com o apoio de mais quatro olhos de vidro.

Os filhos chegaram e o casal enfrentou um aborto e mais uma gestação gemelar. O casal univetelino foram uma surpresa agradável aos pais e a duplicidade não gerou insegurança na matriarca, que de personalidade um tanto prática, lidava bem com a rotina e cuidados em cadeia.

A harmonia reinava na casa dos olhudos e olhinhos, porém um fato circunstancial afetou de modo negativo o sossego familiar.

A família sofreu um assalto e foram reféns sob arma de fogo. Pequenos olhos verdes, depois do evento passou a ter crises ansiosas, insônia, e com muita psicoterapia conseguiu superar os sintomas. Grande olhos negros, afetado psicossomaticamente, desenvolveu a partir dali uma gastrite nervosa, acompanhada de enxaquecas.

Os filhos foram crescendo, se formando e se casando. A chegada dos netos, agitou e energizou o casal, e mais ativos, passaram a se exercitar de modo a aproveitar o tempo de qualidade com os pequenos bálsamos.

Olhos verdes dizia que netos são filhos salpicados de açúcar, e que ser avó é retornar a terra infância, mas numa viagem de primeira classe.

E nos longos anos seguintes, completando bodas de jade, eis que a amálgama se rompe e olhos verdes enrugados parte. Olhos grandes, de cabelos brancos, irreconhecível, arroxeados e esgotado, jaz em sua poltrona escura, na sala dos troféus. Uma grande clarabóia joga a luz solar em sua direção, mas ele foge. Não quer contato com nada luminescente porque aceitar de novo a luz, trairia sua ode ao luto.

A biblioteca, ou sala dos troféus, com decoração vitoriana – desejo de olhos verdes – foi no passado uma pauta de desacordo entre o casal. Olhos verdes enrugados decorou a sala da clarabóia

com livros e a intitulou biblioteca, olhos negros de cabelos brancos preferiu chamar de sala dos troféus, já que todos os objetos ali guardados representavam a soma de tudo o que importava.

Olhos grandes apreciava um design espartano, enquanto a esposa se encantava com as decorações palacianas. Vencido pela insistência da mulher, sabia que a renúncia em alguns assuntos eram fruto da sabedoria. Preferia ser feliz do que ter razão. Acabou por encontrar algum prazer ao sentar-se nas confortáveis poltronas vitorianas. Desbravador dos sete mares, cacarecava e garimpava lembranças de todas as suas viagens. Os souvenirs se acumulavam na mesma proporção de suas milhas aéreas. Olhos verdes ralhava a cada chegada do marido, atulhado de miniaturas, e ele de antemão justificava:

— São pequeninas, temos espaço para todas.

Aposentados, morando no verde e perto de muita água, o casal vivia enfiado naquele templo que fazia as vezes de esconderijo à dupla. Velhos, mas não obsoletos, olhos verdes era fascinada pela disposição do parceiro, que de pronto topava aprender novos hobbies e experimentar novas emoções, a dupla se preenchia de saber.

Vivendo isolados numa zona quase rural, os gritos dos netos eram os únicos barulhos que olhos verdes tolerava. Avesa aos sons altos e estridentes, escolheu residir num lugar calmo e silencioso, fugindo dos ruídos urbanos. Achou um alívio quando começou a ensurdecer, evitando assim irritar-se com a altura do volume da televisão de olhos negros de cabelos brancos, que já deixara de escutar há muito tempo. O marido se recusou a colocar aparelho para surdez, e ela, sem se dar conta, falava muito alto e assim se complementam mais uma vez, até na decadência.

E numa tarde, empalidecida, a esposa avisou aos olhos grandes seu súbito mal estar. Olhos grandes de cabelo branco correu para ampará-la, já sabia de antemão que algo não ia bem. E desfalecida em seus braços, essa foi a última vez que ele viu os pequenos olhos verdes abertos. Assolados pela pandemia da covid-19, o casal se manteve isolado, porém a contaminação que arrasava a região se espalhou rapidamente e, numa consulta médica hospitalar de rotina, o casal se contaminou.

Impedidos de realizar cerimônias fúnebres frente à crise que culminou em muitas mortes causadas pelo vírus, o viúvo e seus filhos dão um último adeus aos olhos verdes num triste velório virtual. Fingindo preparo emocional e serenidade diante dos seus herdeiros, olhos grandes anseia por privacidade. Também contaminado, sente-se cansado, e o oxímetro lhe acompanha o tempo todo, medindo sua oxigenação. Uma das filhas e a neta mais velha acompanham o enlutado. Medicado, ele avisa a dupla que vai se recolher e se despede com um boa-noite.

Adentra a cozinha e abre a geladeira. O pudim de pequenos olhos verdes, intacto, lhe dá as boas vindas e ele fecha de imediato a porta.

O negro gato de rabo cortado, rabugento e favorito da esposa mia pela casa, procurando pela dona.

Olhos grandes se abaixa e lhe presenteia com um envelope de comida molhada e um afago,

mas o gato recusa a ambos.

As velas aromatizadas que iluminavam a casa usualmente, hábito da esposa, não foram acesas. A casa, agora sem identidade, é inodora e escura .

Dói-lhe o facto dela perder o tão esperado lançamento do livro da escritora amiga.

No hall ainda jazem os pacotes fechados com as compras da esposa, recém chegados. Ele se recusa a abri-los, não quer entrar em contato com os desejos não realizados da amada. Sabe que mesmo que os abra, não saberá para quem deveriam ser direcionados os presentes, já que Olhos verdes, vivia a presentear pessoas com objetos particulares. Comprava coisas estranhas que jurava serem soluções para os amigos, também idosos. Excitava-se em dar soluções para resolver pequenos problemas alheios.

Zelda, que recusava-se a viajar para longe por medo de deixar morrer suas plantas, foi surpreendida com os kits de dispositivos de rega automática e gotejadores de plantas. Olhos verdes insistiu para que ela fosse conhecer os netos, residentes em outro estado. Generosa, diante da desconfiança de Zelda quanto a eficácia dos presentes, se propôs a supervisionar de perto, garantindo que as verdinhas estariam amparadas.

Caminhando coxo para a sala dos troféus, desaba e chora ao olhar a biblioteca de olhos verdes. Pega duas taças, aquelas favoritas do casal, que transportavam o néctar de Baco para as suas almas, e checa se tem poeira, mas seus olhos, traindo-lhe, já não têm certeza da resposta.

Enche as duas e lentamente revisa todo arsenal que habita a sala. Engole o líquido e vaza lágrimas. Sorve uma delas. Passa os olhos nas estantes e lembra dos objetos favoritos de olhos verdes. Daquele ovo fabergé comprado numa viagem, que foi confundido com uma granada pela polícia do aeroporto, quase culminando na prisão do casal.

Relembrou da vez em que viajaram e compraram um pedaço do muro de Berlim após a queda e o pedregulho foi jogado fora pela empregada, a pobre achou que fosse um caco aleatório recolhido no quintal pelos netos e rendeu muitas risadas entre o casal.

Toca a coleção de livros do escritor português favorito da defunta. Ri ao se lembrar que adorava importuná-la fingindo ciúme do apreço dela pelo homem que escrevia aquelas letras que a fascinavam. Olhos verdes fez questão de visitar a árvore de oliveira com as cinzas do homem e derramou uma cachoeira.

Pega o álbum da festa dos 45 anos de casados e, folheando, percebe que tudo passou rápido e num piscar de olhos, ambos envelheceram, mas a esposa ainda conservava sua beleza. Fechou o álbum, se levantou, menos coxo por causa do álcool, carregou consigo a segunda taça, deixando acesas as luzes da sala de troféus. Voltou para apagá-las porque sabia que olhos verdes detestava qualquer tipo de desperdício.

Adentrou a suíte e dirigiu-se ao closet. Não teve coragem de abrir o lado da defunta, e por pouco não tropeçou nos sapatos vermelhos, que jaziam abandonados no tapete felpudo.

Olhos negros carregava uma culpa. Superprotetor, por hábito exigia de sua esposa rotinas médicas enfadonhas. Era apavorante para ele a simples possibilidade dela adoecer e deixá-lo. Olhos verdes, tendia a negligenciar e negar seu envelhecimento e isso era motivo de discórdia.

Neuroses angustiantes o tornavam um idoso controlador e temeroso, desencadeando pequenas provocações entre o casal enfadado.

Olhos grandes, engenheiro, dizia que o corpo humano era uma máquina perfeita, cheia de tubos, bombeando sangue e gerando pressão. Reforçava que ela, idosa, necessitava de rotinas clínicas preventivas.

Cobrada pelo esposo na realização dos check-ups, agia com comportamento de esquiva e justificava as fugas com frases clichês.

— Não quero encontrar o que não está me procurando.

— Médico para quê se nem estou doente?

— Para que fazer manutenção? Não sou um carro velho.

E grandes olhos negros diante da teimosia da velhinha, rebatia:

— Quem não ouve conselho, ouve: Coitada!

— Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça.

Pequenos olhos verdes evitou e procrastinou ao máximo a ida ao hospital e fora vencida pela pressão familiar. Gozava de boa saúde, temia pavorosamente o agente contagioso.

E foi durante a pandemia, naquela consulta que ela não queria ir, que foi desgraçada pelo vírus.

O pobre velho, angustiado, sente a dor do desespero assolar seu peito.

Exausto, sentindo falta de ar, se despiu e, pela primeira vez na vida, não fez a sua higiene. De pijamas, puxou a cobertura e deitou-se. Sentiu o suave aroma que emanava das últimas células vivas de olhos verdes. Entornou a segunda taça de vinho, devolveu o cálice tremendo à mesa de cabeceira.

A cama macia, larga e de mil fios, onde dormiam de conchas, agora é gélida e abismal.

Houve um desencaixe. O velho olhos negros não sabia dormir desacoplado, desatado, desligado, desentalhado de olhinhos verdes eternamente fechados.

Quis dormir onde antes ela repousava, mas mudou de ideia. Despejou-se nas molas ensacadas tocando o nada que agora jazia ao seu lado.

Lamuriando-se sussurrou preces e pediu perdão.

Tomou para si o perfumado travesseiro, inspirando muitas vezes para armazenar o odor que ele tem medo de esquecer.

Desagou de novo até encharcá-lo e, já sem forças, cerrou os grandes olhos negros.

\*Em memória a todos que sucumbiram à covid-19.

Odemira  
MUNICÍPIO